

Derivas

Oficina continuada
de dramaturgia

ORGANIZAÇÃO

Diogo Sottomayor
David Almeida

pon.to (cultura e
criatividade)

Derivas

Oficina continuada
de dramaturgia

ORGANIZAÇÃO

Diogo Sottomayor
David Almeida

Derivas — Oficina Continuada de Dramaturgia

Esta publicação resulta do trabalho desenvolvido pelos participantes da primeira oficina continuada organizada pelo Ponto C – Cultura e Criatividade entre outubro de 2024 e julho de 2025.

TÍTULO

Derivas - Oficina Continuada de Dramaturgia
© 2025, Diogo Sottomayor e David Almeida.

Todos os direitos reservados.

A cópia ilegal viola os direitos dos autores.

EDIÇÃO

Município de Penafiel
Ponto C – Cultura e Criatividade
Rua de Puços 606, 4560-623 Penafiel
pontocpenafiel.pt

ORGANIZAÇÃO

Diogo Sottomayor
David Almeida

DESIGN EDITORIAL

David Almeida

REVISÃO

Diogo Sottomayor
Miguel Valido
Renato F.

COM A PARTICIPAÇÃO DE

Ana Pimenta
Anabela Rodrigues
Carla Oliveira
Emanuel Rocha
Jonas Rocha
Miguel Valido
Pedro Rocha
Remi Gonçalves
Renato F.
Vivien Merciel Suarez

1ª edição: setembro de 2025

DEPÓSITO LEGAL 553389/25

ISBN 978-989-8274-13-7

Índice

1.	PREFÁCIO	8
2.	EXERCÍCIO 1	14
3.	BREVES APONTAMENTOS SOBRE A TABELA PERIÓDICA	82
	<i>“Oxys-gonos” – Gerador de ácidos</i> Ana Pimenta	83
	<i>Cobalto</i> Anabela Rodrigues	84
	<i>Hidrogénio</i> Carla Oliveira	86
	<i>Plutónio</i> Diogo Sottomayor	87
	<i>Estanho (Sn₅₀)</i> Emanuel Rocha	89
	<i>Sobre o Cu</i> Jonas Rocha	90
	<i>Zircónio</i> Miguel Valido	92
	<i>[O Hélio foi à praia ver o sol]</i> Pedro Rocha	93
	<i>Mercúrio</i> Remi Gonçalves	94
	<i>Ósmio</i> Renato F.	96
	<i>Au 79.</i> Vivien Merciel Suarez	98

4.	MONÓLOGOS PARA UM PALCO IMAGINADO	102
	<i>Felizmente sós?</i>	103
	Ana Pimenta	
	<i>Com o passar dos dias...</i>	107
	Anabela Rodrigues	
	<i>Onde te perdi?</i>	117
	Carla Oliveira	
	<i>[Never Split the Difference]</i>	123
	Diogo Sottomayor	
	<i>Fado</i>	127
	Emanuel Rocha	
	<i>Desabafo sobre Astrologia</i>	132
	Jonas Rocha	
	<i>Como se faz uma cadeira?</i>	136
	Miguel Valido	
	<i>Alter ego</i>	140
	Pedro Rocha	
	<i>Entre Estações</i>	146
	Remi Gonçalves	
	<i>Emergência sanitária</i>	157
	Renato F.	
	<i>Vesúvio</i>	162
	Vivien Merciel Suarez	
5.	BIOGRAFIAS	174

Prefácio

A minha Musa antes de ser
a minha Musa avisou-me
cantaste sem saber
que cantar custa uma língua
agora vou-te cortar a língua
para aprenderes a cantar
a minha Musa é cruel
mas eu não conheço outra ¹

SOBRE O DERIVAR

A palavra “deriva”, popularizada pelo teórico francês Guy Debord, tomou a sua centralidade no seio da discussão do movimento vanguardista designado por Internacional Situacionista, entre os anos 50 e 60 do século passado.

Tomada por empréstimo do francês *dérive*, o conceito de deriva propunha, em traços gerais, uma lógica de percurso não-linear, desviante de uma norma pré-estabelecida por critérios determinados a partir de noções de eficácia ou produtividade tão próximas do capitalismo. Por oposição a uma consensualidade no apelo à racionalidade e utilitarismo, o conceito de “deriva” estimulava o indivíduo ao conhecimento do espaço público por uso de práticas exploratórias determinadas por lógicas de espontaneidade, experiências subjetivas e sensoriais.

Mas se a deriva pode ser encarada como uma simples tarefa de andar sem rumo, e se “derivar” significa “andar sem rota”, então uma não rota, defendemos nós, é à partida uma rota. Apenas podemos discutir quais os estímulos dessa rota, que, deixando de ser racionais, se baseiam nos sentidos.

1. Adília Lopes, [A minha Musa antes de ser], in *Dobra – Poesia Reunida 1983-2023* (Assírio & Alvim, 2024).

Resgatamos o conceito de Debord para a oficina de dramaturgia porque também aqui, sentimos nós, o ato de escrever vai sendo feito refém de inúmeras ditaduras invisíveis, sentidos comuns e predeterminações que restringem e balizam o próprio conceito.

Neste contexto, a oficina continuada de dramaturgia que aconteceu entre outubro de 2024 e julho de 2025, e que deu origem a esta publicação, procurou seguir um percurso não-linear, lançando perguntas às seguintes inquietações:

1. Para que serve a dramaturgia?
2. O que é a escrita para palco?
3. Como se processa a escrita?

Chegando ao fim da oficina e diante da possibilidade de não termos ainda respostas para dar às perguntas lançadas, damos um passo em frente na direção das palavras do José Maria Vieira Mendes e “seguimos caminho em busca da compreensão e do saber”, isto porque “decidir o que queremos saber é a forma de conhecimento privilegiada e, pelo facto de o ser, ajuda-nos a distinguir entre as pessoas, os livros ou espetáculos que podemos conhecer e os que não podemos conhecer, ou seja, entre aqueles para quem temos perguntas e aqueles para quem não temos.”²

Caminhar junto destas pessoas ao longo destes meses mostrou-nos a riqueza que cada um tem na sua escrita. Derivámos com estas pessoas, junto a elas e sempre com objetivo semelhante ao de José Maria Vieira Mendes quando nos interpela com a pergunta: “Para que serve perguntar para que serve?”.

Assim, em vez de preocupações sobre o que é, preferimos procurar o porque sim. O “é isto, porque é isto”.

2. Vieira Mendes, J. M., (2023). Identifico-me imenso. In. *Teatro Cósmico #3*, Revista Almanaque. Fonte: <https://almanaquemag.com/teatro-cosmico-3/>

Os textos aqui reunidos dizem respeito a três momentos distintos.

No **Capítulo 1** apresentamos “Exercício 1”, fruto dos exercícios de escrita livre realizados ao longo das dezanove sessões que compuseram esta oficina de escrita. Num exercício de escrita a quente, os participantes escreviam durante dois minutos a partir de uma palavra apresentada no momento, acompanhada de um estímulo musical.

No **Capítulo 2** apresentamos “Breves apontamentos sobre a tabela periódica”, onde damos a conhecer os textos criados a partir de elementos da tabela periódica, numa tentativa de estabelecer também diálogos vários (por vezes de forma mais direta) com os textos da dramaturgia contemporânea que iam sendo lidos ao longo da oficina. No caso concreto deste exercício, procurámos estabelecer diálogo com a proposta da artista Sónia Baptista no seu texto “Sódio”, escrito e publicado no contexto da coleção de poesia “elementário”.

Por último, no **Capítulo 3** com “Monólogos para um palco imaginado”, incluímos os monólogos criados pelos participantes na parte final desta oficina, onde se sente a assinatura e estilo de cada participante.

Cada pessoa trouxe a sua narrativa, estilo e marca. Uns preferem uma escrita mais próxima do humor; outros escrevem a partir das suas preocupações/inquietações; outros escrevem simplesmente a partir de algo que lhes tenha captado a atenção. Todas válidas, todas na certeza de que apenas partilham a sua escrita.

Isto não é uma reunião. Isto é o que é. Uma coleção de momentos, agora cristalizados em livro. A ser publicado amanhã, esta proposta seria outra e estamos confortáveis com isso. A procura não é um fim.

Cada proposta é, por isso mesmo, um estímulo, uma aproximação ao que podemos fazer com a escrita bem como com as potencialidades de imaginação que ela nos permite.

A cada uma das pessoas que participou, o nosso muito, muito obrigado por esta deriva. Esperamos que seja o início de muitas mais.

Ao Ponto C, resta-nos deixar uma honesta provocação: está lançada a primeira pedra para um caminho promissor no que respeita à publicação de textos de jovens criadores. Urgem mais pedras lançadas como esta.

Aos nossos leitores um apelo final: consumam este livro com o mesmo sentido de diversão e curiosidade por nós utilizados na sua construção.

Diogo e David

Exercício 1

TEATRO

Um lugar onde é possível. Porque sim.
Mas tem várias formas de existir. Teatrar.
A teatra. Faz teatro.

O que é teatro?
E porque todos querem saber quem é?

O teatro tem a vantagem do existir.
O teatro é o local onde se coloca, onde
podemos estar.

Mas também é a prova de que nos podemos
ver de fora e pensar nas formas como
nos relacionamos.
É relação. E presença.

*

“Não faças teatro.” “Lá estás tu a fazer teatro.”
São vozes comuns que atravessam os tempos
para sinalizar os momentos em que estamos a
ser exagerados, “dramáticos” ou carregados de
excessivos sentimentalismos. Mas não podemos
também nesses momentos ser verdadeiros,
denunciando verdades internas e externas
com consciência extrema das mesmas?
Neste caso, façamos mais teatro.

*

O meu sonho! Aqui posso ser quem eu quiser!
Dramaturgo, encenador, ator do meu argumento.
No teatro sou o que quero ser no mistério da
vida... sou o Deus daquele pequenino grande
palco da vida.

*

O pano abre. O pano fecha.

*

Quando a cortina cai, pergunto ao ator se ele ainda sabe de facto quem é, e ele responde-me com ecos de papéis decorados e falas ensaiadas.

*

Esta música lembra-me as nossas noites nos anos 80: Donna Summer, whiskey e cigarros eram tudo o que precisávamos para ensaiar horas e horas sem fim. Às vezes penso no que teríamos sido se não nos tivéssemos encontrado quando fomos assistir àquela peça, lembras-te? No nosso Teatro? As memórias que perduram.

*

A arte de representar, de te mostrares, de soltares os teus pensamentos e pores em prática as tuas ideias.

Estar em palco é poder encarar uma personagem onde através desta consegues mostrar os teus talentos e expressar os teus sentimentos.

A arte de expor ideias, de te transformares a cada momento, de viveres alegrias, tristezas e fazeres os outros rir ou até chorar, tudo isto é teatro. Fazer teatro é ser feliz e fazer os outros felizes mostrando o teu verdadeiro EU.

*

A vida é um teatro. Algo já escrito incontáveis vezes e que, no entanto, vai continuar sempre a fazer sentido. Na vida, no teatro da vida, somos todos atores, mas quem escreve o nosso guião? Seremos nós ou há alguém por aí a criar as comédias, os dramas, os musicais que são a vida?

*

O palco respira segredos antigos,
máscaras caem, verdades dançam.
No escuro da plateia, corações esperam
o instante em que a vida se confessa.

*

A danceteria era num antigo teatro.

ESPAÇO

Então, acordar de manhã.
Pensar no que estamos dispostas a aguentar.

Calcular.
Repensar.
Encontrar o X na equação.
Descobrir o Y por pura diversão.

Sair.
Enfrentar um mundo de adversidades.
Rir de quem riu de nós.

Ler.
Ler muito.
Porque ler é fundamental...
Ler porque dá prazer. E escrever... e escrever
porque também dá.

*

Por vezes flutuo como se não houvesse
gravidade. Sinto-me no espaço.

Outras vezes afundo como se a gravidade me
empurrasse para baixo com toda a sua força.
Sinto-me na cova.

Preciso de espaço e preciso de companhia.
É possível ser contraditório e não o ser?
Sentir-me sozinho rodeado de pessoas?

*

É no espaço que conheço quem comigo está! Se no meu espaço tudo é glamoroso, dourado, sei que não é o meu espaço. O meu espaço, onde sou feliz, é aquele que partilho com os que mais amo! O espaço é importante pela importância de quem o preenche.

*

No espaço do meu quarto
É onde gosto de me recordar
De todas as aventuras que imaginei
E um dia escrevi.

É nele que penso no teu amor
E nesta saudade
De todas as cartas que pude dar-te.

*

Que se fecha, que se abre, que convida a entrar e percorrer. Um espaço que é limitado, mas com potencialidades infinitas.

*

Dentro de um pequeno espaço escondo os meus pensamentos, em cada espaço visitado encontro um sentimento. O espaço, seja grande ou pequeno, tem o significado que tu lhe queres dar. Escuro ou com luz, o espaço molda-se ao teu sentimento.

*

Há pouco. Estou sentado pelo menos....

*

A: – Dá-me espaço!

B: – Mais espaço do que o Universo?
Não te chega?

A: – Muito engraçado, Eduardo. Por essas e por outras é que chegamos a este ponto.

B: – Mas, meu amor... O que não te falta são espaços.

*

Acordei depois do que pareceu uma eternidade a dormir. Não sei onde estou, nem sei que dia é. Olho pela janela e vejo o espaço.

Que vontade de fazer xixi...

*

Espaço. Fazer do vazio caos. Instalar o caos. Ocupá-lo. Trazer fragmentos de tudo, desarrumar, criar desassossego. Seduzir. Encostar a pele à matéria, corpos e objetos que ocupam o espaço. Movimento.

*

Espaço e território, tão similares e ao mesmo tempo diferentes. O território a gente demarca, a gente pertence ou destitui. Já o espaço, ele só está ali olhando para a gente, sem fronteiras, sem juízos e muitas vezes sem nomes para os seus atravessamentos. Espaços são feitos de pessoas. Atravessemos e nos deixemos atravessar. Territorializar é um processo que ocorre após muitos atravessamentos.

PALCO

O palco é um dispositivo assustador. Por um lado, todos estão a ver algo. Por outro, sentimos uma solidão. O palco é um espaço de partilha. Ele é alguém que gosta muito da ribalta. Mas, na verdade... o que é o palco? Quem é ele e de onde é que ele vem?

Poucos sabem sobre os seus segredos e, sem dúvida, que nem todos os que o pisam têm consciência dos que abriram portas, literais, para que existisse esta oportunidade.

Ouvimos um Jângal... no meu Jângal.
No teu Jângal.
Para onde quisermos ir...

*

O palco pode ser festa, experimentação, revolução, força, um grito, um agarrar as maldições do mundo pela garganta, espremê-las até que se transformem, mudem. Um espaço de liberdade para contar sem freios tudo: as alegrias, as tristezas, as dicotomias. Ser livre.

*

O palco não são as tábuas, não são os cenários, não são as luzes.

O palco são os risos, as lágrimas, o suor e o trabalho cravado nas suas tábuas.

O palco é a vida.

*

As tábuas sagradas da minha grande paixão.
No palco posso ser quem eu quiser! Posso ser
o “Deus” daquele mundo, quando ousar dirigir
os atores. Quando enceno os personagens
do meu mundo.

*

“Nasci para os palcos”
Credo. Que parolo...
Outros voos imperam.
Há todo um infinito de possibilidade.
Por onde começar?

*

Desce desse palco, já não aguento mais te olhar
de máscaras. Voltemos ao backstage, por favor?
Podemos sair do personagem e falar cara a cara,
olho no olho, por um segundo? Podemos parar
esse jogo de damas... e de cavalheiros. Quero
descansar os peões deste infindável tabuleiro.
Descansemos juntos? Quero uma trégua.
Cansei de jogar.

*

No meu percurso, quero sempre subir para
poder voar e ver o palco que quero alcançar sem,
todavia, perder tudo o que sou e um dia fui.

*

Em cima das tábuas, trilhadas por tantas outras
pessoas, anda em volta.

*

Será isto uma enorme peça de teatro que está em *loop* sem fim?

Eu quase já sei as falas das personagens que se vão cruzando comigo sem nunca ter assistido a esta peça.

Chego à conclusão de que a minha vida é um enorme palco em que apenas as personagens vão entrando e saindo de cena.

*

O palco da vida é uma constante alegria. Estar no palco é poder viver a realidade como ficção. O palco dá-te alegria, força e coragem para apresentar e representar as tuas ideias.

*

Adoro os palcos. Adoro estar nos palcos. E depois, parar de ir aos palcos para dizer que tenho saudades dos palcos. Adoro voltar aos palcos.

DERIVA

Um retorno. Uma volta porque, na verdade, nunca saímos do mesmo local. Uma deriva, nada mais é do que tentar procurar, sem sabermos muito bem o que isso quer dizer. É uma espécie de hino do que queremos para nós. A deriva é aquela pessoa simpática, que passa por nós na rua, diz bom dia e sorri. É isso. Por vezes pode ser algo que encontramos, e sempre estive ali, mas naquele dia teve um trago especial.

A deriva é a força de não querer ir por onde não nos apetece. A deriva é a liberdade da ditadura dos caminhos feitos. É um hino à exploração pela exploração. Da procura de algo na verdadeira aceção de procurar algo sem que para isso tenha de existir um objetivo.

*

Quando achamos que estamos à deriva, não sabendo por onde ir, a música aponta-nos o caminho. O compasso da música determina a velocidade do caminho.

*

A vida do poeta deriva sempre que se lembra.

*

Todos os dias sigo à deriva do tempo, o tempo que preciso para me encontrar e para encontrar os pensamentos soltos, que andam à deriva.

*

O que é a vida senão um conjunto de momentos
à deriva. Um conjunto de tristezas, de
alegria, de vida.

*

Caminho pelas ruas. Os sons da cidade
assoberbam-me, porém, não vejo ninguém. Os
carros circulam, mas sem ninguém dentro.
As portas estão abertas, mas ninguém
está em casa.

*

Mar sem fim. À deriva.
Terra à vista. À deriva.
Quero ir para ali, mas deixo-me na corrente.
Sigo a onda ou sigo a vontade?

*

O céu está limpo e o sol queima-nos, cega-nos
com os reflexos na água. E nós sem saber para
onde vamos, simplesmente à deriva.

*

Deriva como um barco sem rumo. Quantos de
nós? E quantas vezes? E quantas vezes não foi
o amor responsável por tudo isso? “Só tu puro
amor com a força crua” (...) Já dizia Camões e
volvidos mais de 400 anos, tudo continua assim.

*

Sinto-me à deriva neste continente, ou melhor, neste país, onde é de praxe que me tratem de outra forma depois que eu abro a boca. E então? O que faço? Calar e pertencer ou a solidão do não silenciar? Já faz um ano que estou aqui, preciso fazer uma escolha ou encontrar onde estará o meio do caminho. Como navegar sem naufragar e sem calar?

*

Derivo para a frente. Derivo para trás. Derivo para a esquerda. Derivo para a direita. Derivo de lado. Derivo para cima. Derivo para baixo. Derivo para o outro lado. Derivo aqui. Derivo ali. Derivo acolá. Derivo hoje. Derivo amanhã. Derivo contigo. Derivo sozinho. Derivo de manhã. Derivo de tarde. Derivo de noite. Derivo de madrugada. Derivo a pé. Derivo de carro. Derivo de comboio.

DIÁLOGO

Uma forma de exploração a dois.
Uma fala, outro escuta.
Uma forma de intimidade.
Uma outra forma de chegar a um atalho.

O diálogo não é apenas a marca de um vinho.
O diálogo consegue unir os mais desunidos.
O diálogo é a pessoa elegante que nos dá as
boas noites e nos sorri no final.
E, depois de tudo, e porque ela sabe que ler é
fundamental, dá-nos material para um belo
churrasco. Porque um bom churrasco também
é importante.

Isto não é uma coisa só para admiradores,
também é para os que gostam menos.
E, já que a matemática veio cá hoje, não se
esqueçam: menos com menos... dá mais.

*

Há necessidade de diálogo, mas quem poderia
adivinhar que o diálogo seria tão difícil?

*

É simples dialogar quando te consegues
exprimir. Nunca fiques à deriva no palco,
sem dialogar com a vida. Lê poemas e aproveita
cada espaço visitado para te encontrares
contigo mesmo.

*

Um diálogo interno puxa a um lado e a outro em busca de um centro, ou melhor, do ponto de equilíbrio.

*

O diálogo é o que nos identifica como “pessoas”, como humanos. Nenhum outro ser vivo dialoga, pelo menos com a complexidade com que nós, os humanos, o fazemos. Pelo diálogo nos conhecemos e pelo diálogo resolvemos muitos dos nossos problemas. Diálogo é crucial e fundamental em todas as relações, todas.

*

- Diz.
- Diz tu.
- Digo eu ou dizes tu?
- É para dizer algo?
- É um diálogo.
- Deixas-me ouvir?
- O que é que disseste?
- Só falo uma vez.
- Para ter amigos não se fala só uma vez.
- Eu não quero ser tua amiga.
- Pois eu também não...
- Para que é que vou estar aqui a falar uma, duas três vezes?
- Eu não gosto de ti.
- Eu muito menos.
- Não te perguntei nada.
- Tu estás a dizer...
- Então cala-te.
- Cala-te tu.
- Então fala para a parede.
- Pois falo, adoro!

*

Estou num arraial com meia dúzia de amigos,
mas a música está demasiado alta para ter um
diálogo fluente.

Acho que com a idade vamos trocando os copos
e a diversão por conversas mais profundas.

*

Diálogos internos são mesmo diálogos ou só
monólogos? Conversar por áudio de WhatsApp
não pode ser dialogar. No máximo é uma série
de monólogos intercalados, mesmo que muito
breves. Não existe diálogo sem escuta. Há tempo
de falar e há tempo de calar e escutar. O diálogo
emerge daí. O encontro se faz possível: ele
reside entre o silêncio e a palavra. Eu te vejo lá.

*

Às vezes, não há diálogo possível. As palavras
são mudas, escondem-se atrás dos olhares
misteriosos dos sujeitos que não querem diálogo.
Querem primeiro o beijo e depois sim, as
palavras, o diálogo.

*

É a dois que o diálogo flui.
Onde ocorrem as melhores risadas.

*

– Não sei bem do que é que estavas à espera daquele ordinário...

– Nem eu. Às vezes acho que nasci para ser feita de parva. Desde miúda que atraio a gente mais tóxica para a minha vida.

– Se eu não fosse tua amiga diria que tens cara de caixote do lixo, mas como sou tua amiga, não vou dizer.

INSTANTE

Se tudo acontece num instante, então é porque não havia pressa. E, se nesse mesmo instante nada ocorreu, então é porque não era suposto. Quando não é suposto, por vezes, parece que não passa num instante. Mas quando é suposto o instante passa rápido.

Gosto de pensar em instantes lentos. Em instantes que se prolongam e perdem a sua qualidade instantânea. No fundo, tal como a música, o instante fica... por momentos, por instantes e no fim termina.

Passou num instante? Talvez. Agora, porque afinal o instante quis ficar, podemos convidar a ficar mais um pouco. Tenho esta forma peculiar de o pensar...

*

Tão rápido que não dá para registar mais do que isto.
Tão rápido que já não me lembro.
Mas há instantes que ficam para sempre.
“Uma vaca, parada, no meio da estrada, vai ser atropelada. Foi.” O instante de O'Neill.

*

Tudo passa num instante. Tudo menos os dias infelizes. Afinal nem tudo passa num instante. Se somos felizes, a vida passa num instante? Será assim tão bom afinal?

*

Hoje da janela do meu quarto num instante te vi passar, cabelos ao vento seguias com pressa, linda como sempre pela rua a cantarolar. O sol raiava no teu rosto, que bom é ver o teu sorriso. No mesmo instante te vi desaparecer no horizonte, no ar ficou o cheiro do teu perfume para recordar.

*

Neste momento ambiciono que a minha escrita e as minhas obras façam efeito borboleta e que ecoem para a eternidade.
Não quero ser um mero instante.
Quero ser um ponto de viragem na história e que, tal como Cristo, haja um antes e um depois de mim.

*

No instante em que ele entrou, pareceu que toda a sala recuou para o espaço infinito ou para fora de foco. Só ele estava ali.

*

Esta frase foi pensada e escrita num instante. Da primeira letra ao ponto final. Num abrir e fechar de olhos. Pensamento supersónico.

*

E num instante a vida muda ... essa vida que não é mais do que um conjunto vasto de instantes. E, num instante, num ápice somos como a folha que cai no outono, que também cai para dar lugar a outra verde e viçosa que floresce na mesma árvore cansada do outono.

No lampejo de um instante, acontece o que não prevemos, o que não controlamos. É preciso estar atento, mas também permeável para o que está prestes a emergir. É no que não está previsto, no desconhecido, que vivem as nossas mudanças, os nossos recomeços. Aventurar-se na vida é permitir-se permear pelo que emerge do instante. É abrir-se.

ESTRATÉGIA

- 1 – Não ter.
- 2 – Aguentar.
- 3 – Recuar se precisares.
- 4 – Poder ter não tendo.
- 5 – Ir além.
- 6 – Não procurar.
- 7 – Deixar ir.
- 8 – Não é privado.
- 9 – Se é tradição não faças.
- 10 – A estratégia tem de ser escondida.
- 11 – E se não esconderes?
- 12 – E se experimentares algo novo?

*

Finjo que não me importa nem me incomoda.
Evito sítios, pessoas e pensamentos.
Em vez de fraqueza, prefiro chamar-lhe
estratégia àquilo que me mantém inteiro.

*

Às vezes, a minha estratégia é simplesmente
sentir, deixar o tempo falar por mim e confiar no
silêncio que me guia.

*

A estratégia da vida é simples, ou devia ser,
não complices.
A vida é uma estratégia que não deves mudar.
Seja qual for o rumo que sigas para vencer,
nunca prejudiques quem está ao teu lado.
Às vezes somos estrategas, tomamos decisões,
planeamos percursos e depois tudo se perde.

O caminho deve ser feito caminhando, um passo de cada vez para o percurso ficar completo e a nosso gosto.
Vence no futuro com as tuas próprias decisões.

*

Andar à deriva implica andar sem uma estratégia, sem um plano pré-definido de ações. Andar à deriva nem sempre é uma possibilidade, mas quando o é, deve-se aproveitar esse doce aroma da liberdade o melhor que se pode e aproveitar o que a vida tem para nos dar, nessa deriva pelo desconhecido.

*

Estratégia de vida, estratégia para superar ou atingir qualquer meta. Por vezes definimos uma estratégia para atingir qualquer objetivo que consideramos importante. No entanto, a vida sobrepõe-se às nossas estratégias... como se a vida tivesse, ela própria, uma estratégia definida.

*

Estratégias que não resultam não são estratégias. São planos falhados que traçamos para serem bem-sucedidos. Sem o sucesso previsto, as estratégias são amortecedores de queda.

*

Estratega. Estratagema. Estratégico. Estratego. Estratificar. Estratégulo. Estratalhar. Estratorpe. Estratonho. Estratorpeça. Estratagrito. Estratérrio.

*

Isto era apenas o início. Ela ia chegar ao topo e ver toda aquela gente de cima. Era só uma questão de tempo.

*

Numa sala cheia de pessoas eu só vejo alvos,
e analiso-os detalhadamente, um a um.
Quão vulneráveis se encontram, capacidade de
defesa, fraquezas, forças, aparência saudável,
estado físico.

Estamos a falar, no final de contas,
de comida saudável.

CÉREBRO

Quando estou a conduzir, por vezes, parece
que não estou a pensar.
Olho para os espelhos. O pisca. A caixa
de mudanças.
Não esquecer as luzes.

Conduzir tem esta coisa engraçada, em que a
comunicação é visual (luzes) e sonora (buzina).
Avisamos para onde vamos, assinalamos perigo
ou marcha de emergência, avisamos os outros.
Um código universal.
Formas de comunicar sem falar. Mas com vários
monólogos no pensamento.

Conduzir é cérebro ou emoção?
Talvez seja apenas um sinal de luzes...
A buzina apitou.

*

Querer relembrar um momento e não conseguir
é triste. Mais triste ainda, de uma tristeza de
cortar o coração, só mesmo quando se tem a
noção de que não somos capazes de relembrar
memórias. Perder o nosso passado é perdermo-
nos, enquanto vivos. Ver apagar-se a nossa vida,
enquanto vivos.

*

Era meu sonho ser um X-Men. Principalmente
como os telepatas. Mas não tipo o Professor
X. Imagina eu, bem Jean Grey ou Psylocke ou
Emma Frost (só lacres psíquicos).

*

O mentor da vida, aquele que tudo faz e tudo comanda no teu corpo. O armário das tuas ideias, a gaveta dos teus sentimentos, o armazém das tuas emoções, usa-o, exercita-o, pois, sem ele não tens identidade.

Leva-te ao infinito e traz-te de volta para o presente, ilumina o teu ser e ajusta as tuas emoções, realiza os teus desejos e fortalece as tuas conquistas. É teu e só teu, só tu o comandas e usas como entendes; espero que bem, pois se não controlas esses neurónios que tens dentro dele, está tudo perdido.

*

As ondas correm pela areia acima, e seguidamente fogem areia abaixo. A areia e o mar enrolam-se, envolvem-se, unem-se e separam-se. Em segundos, milhares de formas de vida fazem parte desta dança dos elementos. Sem pensamento, seguem as suas vidas mesmo de pernas para o ar, enquanto o mar e a areia se envolvem, se revolvem, avançam, e retraem... Toda a liberdade do mundo num grão de areia e numa gota de água do mar.

*

Às vezes desejo ser mais “cérebro” e menos “coração” – mas assim que escrevo isto, arrependo-me imediatamente! O que seria viver “mecanicamente”, só com instruções cerebrais? Como uma lista de tarefas, devidamente identificadas! Credo! Não quero! Até porque acredito que a verdadeira inteligência vive no coração, de mãos dadas com a emoção. O cérebro tem a única função de arquivo de todas as emoções vividas com o coração.

*

Tenho medo do meu cérebro. Medo de que algum dia alguém me dê um diagnóstico, que algo irreversível cruze o meu caminho. Sem jeito, finjo que não sei que aquele acidente é a cicatriz de uma doença, que só por já ter cruzado a linha de vivência daquilo, encontro-me no status de quem tem uma doença neurológica. O que mais deixou de rastro aquela isquemia? Foram três dias na cama de um hospital. Aos 27 anos, ninguém espera ser interrompido com uma sentença dessas. Foram três dias só de presente, sem passado e nem futuro. O passado já não importava. O futuro, em que condições existiria?

*

Cofre que guarda tudo o que somos.
Todas as nossas palavras, ditas ou por dizer. Todas as nossas memórias e sonhos por acontecer.
Órgão complexo que nos torna únicos e irrepetíveis e que torna o mundo um lugar subjetivo, complicando, por vezes, a forma de viver.

*

Dizem que ele é um crânio. Que resolve as equações mais complexas em segundos e ensinava aos professores métodos nunca antes conhecidos.

JOGO

Regras: Se pensares no jogo perdes.
Perdi o jogo. E agora?

Regras: Se não pensares no jogo ganhas.
Ganhei. Já ia cair na tentação de
dizer o que ganhei.
Merda.

Regras: Não escrevas a palavra jogo.
Perdi outra vez.

Regras: Como não pensar numa coisa?
Não pensando. Agora escrevo. Assim... quase.

Este jogo não é fácil. Eu perdi. Perdemos todos.

*

O meu pai gosta de ver o jogo que estiver a dar
na televisão, e eu faço companhia, porém fico
a ver um filme no telemóvel e não ponho som
para não o incomodar e leio as legendas.

*

Macaca.
Era tão fácil entretermo-nos.
Um pedaço de tijolo laranja ou giz e
rapidamente apareciam os retângulos e os
números que nos iriam entreter durante horas.
Hoje, os intervalos são curtos e é quase proibido
estar cá fora. As crianças exercitam os polegares
no sofá. Troca-se a saúde pela segurança.

*

“Ganhar ou perder fazer parte do jogo.” É muito bonito de se dizer, mas quem é que sente isto? Aposto que quem inventou este chavão estava tão farto de perder que teve de arranjar uma forma de dar uma auto-palmadinha nas costas para não se sentir tão miserável. Pois é, quem diz isso é porque realmente queria ganhar, mas não conseguiu.
Como se diz também: “É a vida!”

*

Ontem pediram-me pra “jogar a bunda” e eu fiquei??? Primeiro: que jogo é esse? Segundo: como se joga? Fui-me informar e ainda me deram a notícia: “Não tens bunda pra jogar”. Perguntei se alguém dava uma emprestada. Ninguém deu...

*

A vida é um jogo, onde todos jogamos com as “cartas” que nos dão, e com as quais nascemos! Uns nascem com o “trunfo” e no jogo da vida, tal como na sueca, têm o trunfo que “corta” aquele “Ás” que nasceu com outro. Mas, no final de contas, tens que jogar com as “cartas” que te calharam na sorte, ou seja, no contexto social e económico em que nasceste e cabe-te a ti a motivação para lutar pela competência de ter um “trunfo”.

*

Umás crianças preferem correr atrás de bolas, outras gostam mais de correr umas atrás das outras, outras saltam por cima.

*

A vida é um jogo complicado, complexo, mas muito entusiasmante. Saio para a rua e tento viver livre e sem pensar em nada.

Na vida só consegues ser feliz se viveres sem pensar, quero ser feliz, livre e sem pensar em tudo o que faço e talvez sem fazer tudo o que penso, apenas pôr no jogo tudo o que tenho para viver e deixar rolar.

As cartas do baralho fazem sentido lidas e jogadas de todas as formas, por isso aproveita o jogo da vida e sê feliz.

*

Eu já não tenho mais tempo para brincar de ser nômade, de ser imigrante de me aventurar. Não me apetece mais enredar-me em infundáveis jogos que nunca deixam claras quais são as suas regras, bem como não me apetece mais brincar de ganhar e de perder. Quero poder apenas ser. Estabilidade. Já foi o tempo de jogos e polaridades. Agora eu não quero mais brincar de fazer caber no tempo. Agora eu quero aquilo que me apetece e que cabe no meu tempo. Jogo a toalha. Este jogo acabou. *Game over* sem recomeços. Daqui por diante, começos inéditos.

GENEROSIDADE

A coisa mais valiosa.

Ser generoso é partilhar. Saber que o mundo não é só nosso.

Saber cuidar do outro.

Ser generoso é saber que sentados ficam dois, mas deitado fica apenas um.

Generosidade é o sentimento de fazermos a coisa certa, se a vontade de ajudar é genuína.

Não ficar. Sobretudo não ficar na plateia à espera.

*

Gostava de ter sempre, mas nem sempre têm comigo. Vamos cultivando para ver se nasce.

*

Não é fácil ser-se generoso. Implica dar daquilo que temos e precisamos e não daquilo que temos a mais e podemos dar. Isso não deixa de ser bom, mas é diferente.

Dar do nosso tempo aos outros é a maior prova de generosidade que podemos fazer.

*

Olha, podes ficar com o último pedaço 🍌.
(Deixei-o cair ao chão.)

*

Quando ouço esta palavra, penso imediatamente na minha avó (mãezinha).
A minha avó Maria teve onze filhos (perdeu três).
Não conheci (nem vou conhecer) ninguém tão generoso como ela.

A minha avó Maria tinha sempre uma “malga de caldo” para partilhar com todos os que necessitassem e nunca, mas mesmo nunca, a ouvi reclamar da vida ou até do seu amado Deus! Se podia?? Podia!! Uma mãe que perde três dos seus onze filhos pode tudo o que quiser!

*

O mundo é generoso?
As pessoas são generosas?
A vida é generosa?
Não te iludas, levanta-te, segue em frente e vai trabalhar, luta pelos teus objetivos para os conseguires conquistar.
Ser generoso é sempre opção, mesmo quando recebes em troca o que não mereces. Contudo, nunca deixes de o fazer. A bondade e a generosidade das nossas ações carimbam-nos para a vida.

*

Senti-me muito bem comigo mesmo ao ver a cara dele quando pegou naquilo tudo. Muito melhor do que me iria sentir se tivesse ficado com tudo.

*

A generosidade é a única riqueza que cresce quanto mais se partilha.

*

Dou-te o meu coração e um par de botas. O quê?
Não, não quero nada em troca. Porque sim. É
resposta, sim. Nunca quis ter nada, não preciso.
Sou feliz assim. Sem nada que me prenda. Só
gostava de voar.

*

A última coisa que ela esperava da outra mulher era a generosidade. A ex-colega de trabalho, que tomara dela a sua posição, que criara intrigas para afetar a sua credibilidade, que falava por suas costas pelos corredores: por fim, foi a mesma ex-colega que convenceu o novo chefe a contratá-la. Dessa vez, em uma posição melhor, com mais prestígio e um melhor ordenado. O que será que dera naquela mulher que outrora escolhera ser sua rival... e que anteriormente assumira a sua posição e tomara o seu lugar? Será remorso, culpa ou receio de a fachada assumida ser insustentável em suas entregas, em sua performance?

DANÇAR

Há luz.

Há forma.

Dançar é uma forma de ritual.

Há ritmo.

Uma música.

Dançar é ficar e aproveitar.

Há qualquer coisa na dança que liberta.

Pedrada.

O gelo da bebida a derreter.

A roupa com o calor do corpo.

Dançar como viagem. Como forma de
fazer parte.

Outras vidas, outros movimentos,

 dançar na linha. 

*

“Queres dançar comigo?” Esta, que era a pergunta que mais ansiava ouvir no “baile dos passarinhos”, deixou de existir. Os miúdos não dançam, pelo menos não dançam as músicas, as canções. Dançam a música dos *tiktoks* – se é que podemos chamar de dança.

O meu filho tem 18 anos e acho que nunca o vi dançar. Disse-me hoje que ia lanchar (não dançar) com uma amiga que conheceu no Instagram! Como assim?! O que foi feito ao: “danças comigo”? Já não se dança para se conquistar?

*

As pinturas na face daquela pessoa não me deixavam reconhecer a sua identidade, nem tampouco um género.

*

As tradições na minha terra sempre são lembradas e recordadas com carinho. Tenho saudades do tempo em que todos se juntavam para conversar, rir e dançar. Brincávamos, corríamos, saltávamos, comíamos na casa deste e daquele e éramos tão bem recebidos e tão felizes.

Hoje não sentimos essa batida; corremos em busca de algo diferente, o tempo passa e nada fazemos para manter vivas essas tradições.

Outros tempos, outros sítios, outras pessoas, mais felizes e mais comunicativas do que nos dias de hoje. Diferentes, chamemos-lhe assim.

*

Dançaria com ela toda a noite. Se ela a quisesse, mas não podemos este desejo revelar. Essas mulheres são sujeitas de si e também de seus próprios desejos, que não se encontram. O desejo de uma pulsa em direção a outra. Já o da outra, não se sabe, mas parece que pulsa por si própria, está mais focada nos próprios interesses e pulsões. Uma quer dançar junto. A outra só sabe dançar sozinha. Faltou compasso nesse encontro ou o não-lugar que ele apresenta já é perfeito? Perfeitas. Quando estão juntas, ninguém sabe se são amigas, irmãs ou amantes. São perfeitas e parecem pertencer a uma raiz em comum. Há sincronicidade naquele encontro.

*

Se dançássemos de dia, não trabalharíamos.
Dançar seria um ato de rebelião. Por isso é que
se criam caixas noturnas e negras onde somos
livres de dançar sobre tempo contado. De
dia, paramos. É tempo de voltar à serenidade.
Seremos cordeiros mansos que vão ocupar
ordeiramente os seus postos de trabalho e
executar a um ritmo mecanizado a dança
de sempre que não é dança.

*

Nós todas dançamos bem, you know. Dance.
Dance. E muito dance. (Quem sabe, sabe.)

*

Levanta os braços. Baixa os braços. Um passo
atrás. Um passo à frente. Pumba. Um pé calcado.
Uma dança estragada.
Dizem que são precisos dois para dançar,
mas nem todos estão preparados para
dançar. Às vezes é melhor dançar sozinho
do que mal-acompanhado, assim não
levamos uma calcadela valente e depois nem
conseguimos dançar.

*

S						
	S	S				
S	S		S			
sS		SA	SSSS	S		
S	s	S	S	S	S	S
A	a	A	a	aS		
			S	S	a	
S	A					
S			A		s	
		.				
	S	A				
s.						
Y	a	S.				
yas!						

POEMA

O poema... por vezes não sabe bem o que é.
Tem forma, tem cheiro, e tem outras coisas.
Por outras vezes nada tem.
Por vezes temos tudo, noutras perdemos tudo.
É o preço a pagar.

Dizem que é belo, embora nunca ninguém o
tenha visto ao vivo. Quem é o poema? E por
que raio esta pessoa só quer saber das rimas?
Ficou fechado num daqueles concursos de
cantar ao desafio? Para onde vais, poema?
Porque enalteces uns e parece que ninguém te
entende? E quem é esse teu amante? Sim, esse,
as intenções do autor. E porque dizem tanto de
ti? É o teu ascendente? Fico tão confuso....

*

Em cada poema que leio encontro forças para
seguir caminho. Cada poema lido, cada frase
escrita tem sentido de dever cumprido.

*

Eu não sou poeta.
Um poema tem regras a seguir.
Não gosto da ideia de ter que ser assim.
Aliás, isto era para ser um poema.

*

Poema remete-me instantaneamente
para Pessoa, o meu primeiro amor, o
que me aproximou, pela paixão, pelas
palavras! Po...e...ma!

*

É algo que se oferece a quem quiser ler ou ouvir.

*

Ponto C

Olho para o papel...

Escrevo com caneta.

Mas o que raio isto tem a ver?

Acabou o tempo.

*

O poema pode ser um ato de amor. E é mesmo.
Um encontro com nós próprios, um olhar ao
espelho. O reflexo do nosso mundo interior e do
estado do mundo, numa superfície lisa. Um ato
de reflexão.

*

Poema é essa voz que agora já não sai da minha
cabeça. Na verdade, até sai, mas me visita todos
os dias. Calma! Não é voz do além, mas de um
sujeito específico que escolheu um canto da
memória para ecoar e dar o ar da sua graça,
principalmente nos dias nublados e chuvosos,
que a essa altura do ano aqui no Norte já são
muitos. Comunicação à distância ou ficção?
Como podemos chamar quando alguém insiste
em nos visitar nos pensamentos?

*

Com apenas umas simples palavras
se forma um poema.
Com poucas palavras se forma um poema.
Um simples poema.
Poema.

*

No meu poema
Escrevo tudo o que sinto
Para que um dia
Não me esqueça de ti.

Para que o meu amor dure
E nunca se parta.

*



CORPOS

O corpo como arquivo.
Memórias que ficam. Permanecem.
Cicatrizes, tatuagens, furos, marcas de nascença,
sons, elasticidade, flexibilidade.

Gemer.
O corpo que conta a história por onde passou.
O que é nosso e o que acrescentamos.
O corpo que vai e a nossa marca que fica.

O corpo é um caderno que vamos preenchendo.
Uma capa de órgãos na verdade.
Uma capa difícil de gerir, porque nem sempre
protege das quedas.

O corpo como arquivo, como capa,
como resguardo. Como sintoma!

*

Corpos nus, suados! Engraçado que não é aos
corpos imaculados e limpos que associamos
os prazeres mundanos.

Suados! Quando estamos no ginásio, na cultura
do corpo e da mente. Mas o “nus e suados”
representa a celebração do amor! Quando o meu
corpo e o teu se fundem numa simbiose perfeita,
fazendo do meu o teu lar e do teu o meu abrigo!

Corpos, a “casa das almas” que vagueiam
perdidas neste mundo e encontram no corpo
a única forma de viver.

Dois corpos se encontram, não interessa para
quê ou porquê, suados, cansados, mas felizes,
juntos, unidos, entrelaçados assim são felizes.

A noite cai e eles se juntam, o mundo observa
o caminho que seguem, eles firmes e seguros
caminham iluminados com o luar das estrelas,
sorridentes e felizes.

Dois corpos que são apenas um e que nada
nem ninguém pode separar, juntos, felizes e
completos seguem o caminho da felicidade.

*

O tecido escorre devagar. Um ajuste seria fácil,
um puxão discreto, um gesto rápido... Será
que notam? Alguns olhares demoram-se um
segundo a mais, outros desviam rápido, como
se tivessem visto algo que não deveriam. Mas
eu finjo não perceber, mantendo a expressão
relaxada de quem está com os seus próprios
pensamentos. As calças cedem milímetro a
milímetro, a cueca acompanha o movimento,
e ali está: o rego. Não é tudo, mas é o suficiente...
O tecido continua o seu lento caminho, a
pele fica mais exposta a cada passo, e eu sigo
em frente. A pergunta persiste: descuido ou
provocação? E a resposta, bem... a resposta está
na forma como me recuso a puxar o tecido para
cima, sabendo que a mais dois passos a questão
deixará de ser retórica...

*

Quando os corpos
desnudados
se tocam, o mundo
para e muda
de sentido com a
energia criada.

*

Para que o corpo seja só corpo, é preciso despi-lo. Ser só pele, cabelos, lábios, dentes, unhas, palmas das mãos, plantas dos pés, seios, nádegas, vulva, pênis, ombros, braços, antebraços, tornozelos, cotovelos, bacia, maçãs do rosto, testa, costas... Ser o colo onde pouse a cabeça e descanso do amor que sinto por ti. Como conheço tão bem o teu corpo, Bichinho.

*

Como uma floresta de corpos, é essa a sensação. Estas pessoas não interagem comigo nem entre elas. Estão, como em transe, a balançar ao ritmo de uma música.

*

Impetuosos eram os corpos dos amantes platônicos. Não se olham, pois não podem dar a deixa ao querer. Pensam um no outro, todos os dias, mas fazem que não, como se os dias passassem iguais e sem paisagens sonoras. Apesar disso, nas mentes de ambos, até os cheiros dos momentos partilhados assaltam as suas memórias. É como se estivessem o tempo todo presentes na vida um do outro, só que não o sabem e nem vão dar o braço a torcer. Orgulho ou insegurança? Não se sabe. Talvez o conforto de já viver há muito tempo só. Cada um na sua. Um outro cabe melhor na vida quando o terreno é o da fantasia, das possibilidades, não o das escolhas irremediáveis. Na prática, o enredo é todo bem mais complicado. Será que tem espaço? Naquelas vidas, não cabe mais ninguém.

*

Caminho de mão dada contigo... está escuro. Na floresta não entra a luz do luar. Não precisamos falar, na verdade, nem podemos. Mas sentimos o que o outro pensa só com o toque.

RECUAR

A arte de recuar permite, como nenhuma outra,
o dom da visão.
Se perto, perdemos a visão total e vemos
apenas detalhes.

– Recuar? Sim. Para avançar? Depende.

Recuar para tomar consciência do local
onde estamos.

Recuar não é parar. São ações distintas.
Recuar significa e implica movimento, por vezes
como o movimento de grande plano e plano
fechado, e, na vida, estes dois movimentos
fazem sentido.

Recuar deixa sempre espaço para ter espaço.
Recuar é bom para se ver melhor...

*

Recuar, apesar da conotação negativa, pode
muito bem ser uma coisa positiva. Por vezes,
recuar é essencial para avançar com mais
segurança, e saber recuar é ter a humildade de
voltar atrás e vislumbrar de outro prisma, mais
distante e mais informado.

*

O ser humano deve, em vez de recuar
para a zona de conforto, arriscar para
chegar ao sucesso.

*

Às vezes é necessário dar dois passos atrás para seguir em frente. É necessário recuar, ter uma nova perspectiva do que temos pela frente e, aí sim, avançar com confiança e certeza, sabendo que fizemos a opção certa.

Há muito a tendência de só querer ir em frente e, por isso, nem sempre as coisas correm como o esperado e planeado. É assim a vida!

*

– Recuar, eu? Nunca.

E com estas palavras agarro-lhe a cintura e aproximo-o de mim: pelve com pelve. A dança das nossas coxas que bamboileiam como trigo no vento começa a intensificar. Pareceram horas, mas foram momentos.

Os nossos umbigos cada vez mais próximos, até se tocarem. Seguiram-se os peitos... os corações a baterem a centímetros de distância... até que os nossos corpos pararam quando os nossos olhares se encontraram.

É hoje.

*

Ela avançava cada vez mais, sem nunca desviar o olhar. Eu não sabia o que fazer, nunca tinha estado naquela posição; se havia de avançar na sua direção também ou recuar. Ela mordeu o lábio...

*

Por vezes é preciso recuar no tempo para se valorizar as coisas e as pessoas. Recuar por vezes é bom, o problema é quando queres recuar e isso já não é possível. Será certo teres tempo para recuar? Será bom fazê-lo?

Levar os pensamentos para o passado, para lembrar algo importante e marcante, é bom e gratificante.

A vida é feita de recuos e avanços, para te valorizares e dares valor aos momentos.

*

Recuar é um movimento sábio e de uma mestria total.

Nem todos, de orgulhosos a confiantes, têm esta capacidade, nem o de saber quando o fazer.

Recuar nem sempre é derrota, por vezes é sobrevivência.

Há quem recue apenas para ganhar balanço.

*

Dou um passo atrás para avançar dois. Porém, o mesmo passo que se avança é um passo mais ponderado. Chegamos lá mais lentamente, mas chegamos, sem correr o risco do inesperado.

*

PRA TRÁS! VEM PRA TRÁS! MAIS PRA TRÁS...
MAIS... AINDA TENS ESPAÇO, VAI! NÃO, NÃO,
NÃO! AINDA PODES RECUAR MAIS! MAIS UM
METRO! MAIS DOIS! MAIS TRÊS! VAI! VAI MAIS
PRA TRÁS! RECUA ATÉ ONTEM! RECUA ATÉ À
INFÂNCIA! RECUA ATÉ VOLTARES AO ÚTERO!
RECUA ATÉ ANTES DA TUA FAMÍLIA EXISTIR!
RECUA ATÉ ANTES DA INVENÇÃO DA RODA!
RECUA ATÉ ÀS PRIMEIRAS FORMAS DE VIDA
EMERGIREM DOS OCEANOS PRIMORDIAIS!

SEGREDO

Uma forma de olharmos para o segredo é pensar que ele deve ser uma pessoa que fala pouco e ouve muito. A palavra segredo remete sempre para uma nova forma... porque é algo que não sabemos. Se o digo ele deixa de ser segredo, mas se mentir, e não o disser, ele mantém-se apesar de parecer que não.

O segredo parece ter esta inconstância na sua forma de estar na vida. Tanto o é como pode deixar de ser. Mas partilhado pode tornar as coisas mais íntimas. Quando é exposto, por vezes perde a sua magia. Quantos segredos guardamos e quantos perdemos?

*

Quantas vezes o segredo não é assim tão segredo? Hoje em dia é cada vez mais difícil manter segredo, viver em segredo, longe dos *flashes*, longe dos diretos, dos *stories*, da rede global que nos liga.
Será que o faz mesmo?

*

Um segredo é uma enorme prova de confiança que podemos ter com uma pessoa. É certo que por vezes dizemos “é segredo, não contes a ninguém”, mas secretamente desejamos que essa pessoa passe a palavra por nós.
Será isto na mesma um segredo, mesmo deixando de o ser?

*

É segredo, isso preserva a intimidade. Por que sempre devassar tudo com o excesso de detalhes e de explicações? Chega! Quero pelo menos a partir de agora conseguir fazer diferente. Não quero vestir as máscaras dos personagens, mas também dói na pele se desnudar sempre. Isso já cria por si só um outro tipo de personagem que não é crível e que, ainda por cima, cansa. Aos outros e a mim. Está pesado, quero ser leve, quero ser fluxo. Quero preservar nervuras de mim.

*

Se é segredo não posso contar.

(silêncio)

Mas chega cá o ouvido.

(murmúrio)

Redução da significância para baixas frequências.

*

Eu sei que guardas um segredo, como gostava de o saber.... Os teus segredos, o teu olhar, o teu cheiro, como gostava de ser dona de todos esses segredos. Queria poder partilhar contigo o segredo que nos une e nos faz felizes. Queria poder contar-te os meus segredos e ouvir os teus com muita atenção. Os nossos segredos ficarão para sempre guardados, junto com esta infinita paixão.

*

As cores, as luzes, os cheiros da discoteca eram maravilhosos. As pessoas pareciam estar todas a divertir-se. Mas ele só conseguia pensar que os pais não sabiam que estava ali.

*

Algo aconteceu. Algo indefinido. O ar ficou pesado, mas ninguém olha. Há um silêncio tenso, como se todos tivessem combinado ignorar o elefante na sala... ou melhor, o metano no elevador. Tu manténs a pose, impassível. Alguém franze o nariz. É a tua deixa. Viras a cabeça para o lado e lanças um olhar profundamente dececionado para o homem atrás de ti. A tensão é palpável. O elevador para. Tu não sais, retiras-te. Com a dignidade de quem não só não tem nada a ver com aquilo, como talvez seja até a maior vítima.

*

Vou contar-te um segredo! Aquilo que não conto a mais ninguém... Por isso é que é segredo! É secreto e não pode ser partilhado... É só meu até o partilhar, pois quando o partilhar, é teu... e depois será do mundo e deixará de ser segredo.

LEGENDA

Uma vez, na Polónia, descobri que legenda se escreve da mesma forma. A distinção fonética é que o “g” se lê como em “gato”.

Nem sei porque decorei isto na altura, mas nunca esqueci.

Quando lá fui levei pequenos papéis com coisas que precisava escrever em polaco. Pedir um bilhete de comboio, pedir um bilhete de autocarro e outras coisas. Legendas vivas da minha viagem e de quem fui.

*

Fui ao teatro ontem, mas faltaram-me as legendas. A peça estava em português, mas num contexto que eu não percebia. Aquelas escolhas, aquelas expressões e gestos, na minha cultura ganham um sentido diferente naquelas palavras. Me senti estrangeira na minha língua, que não é só minha, que traz as marcas de um lugar muito próprio da dramaturgia portuguesa. Da plateia, havia um abismo entre a sátira, o sarcasmo e um oceano inteiro.

*

Às vezes, sinto falta da legenda quando vejo filmes portugueses. Porquê? Só os posso ver quando estou sozinho.

*

Mas porquê? Não consegue ler o que está escrito, não entendo o que querem, mas será necessário colocar legenda, uma vez que não tem?

O rótulo que se coloca na vida das pessoas será a legenda? Mas, afinal, para que somos marcados? Rótulos e mais rótulos, legendas e mais legendas e no fundo nada nem ninguém neste jogo tem código QR válido para se colocar no catálogo.

*

Ninguém o faz, mas, alegadamente, arranjar legendas para filmes que, alegadamente, são obtidos através de meios menos legais, é uma tarefa complicada. Ora estão adiantadas, ora atrasadas, ora numa língua diferente da pretendida. Que confusão. Quase dá vontade de arranjar as legendas por outros meios.

*

Tudo na vida deveria estar legendado. Por exemplo, um sorriso deveria vir acompanhado por “sorriso maroto” (como o que o meu pai tem); “sorriso hipócrita”, “sorriso falso”...

Sonho viver neste mundo legendado... seria melhor? Não sei! Talvez! A minha mãe diz que a verdade é sempre melhor – e a legenda pressupõe a verdade, certo?

*

(LETRAS MAIÚSCULAS PRETAS, TIPO DE
LETRA ERODE, NEGRITO, TAMANHO 10,
DURAÇÃO: 2 SEGUNDOS)

*

Com uma música destas, legendo um dos
nossos momentos, Bichinho-amor. E de nada
mais precisamos, a não ser recordar.

*

Quem escreveu a legenda? Ela identifica
o autor da imagem, mas onde está a
legenda da legenda?

PRIVADO

Nunca gostei do nome privado.

Se por um lado remete para o reino do wc,
por outro, deixa-me com a sensação de que
não pertença.

O que é privado? E porque há tanta vontade
em proteger esta unidade?

Privado. De quem? Quem protegemos no
âmbito do privado?

É uma forma de recuar ou apenas retrocesso?

*

Não há muito de privado naquilo que
chamamos de privado. Sons constringedores
ecoam por detrás de portas, sem identidade
definida. Também aqui ficamos surpreendidos
com (os ruídos) do interior.

*

Falar demais não é bom. Falar demais da tua
vida e dos teus planos ainda menos. É sempre
bom deixar em privado alguns dos teus sonhos
e objetivos, assim fica mais difícil que alguém
ocorra na tentação de roubá-los. E depois?
Por isso, mantém-te anónimo, em privado,
longe dos holofotes.

*

Privado, pessoal, só eu! No privado, sou quem quero ser, sem filtros. Rir, chorar e até ficar em silêncio. Que liberdade!

No privado não existem conversas de circunstância sobre o tempo que faz... não preciso aparentar estar feliz. No privado, sou EU!

*

Todos nós temos uma vida vivida, e essa é feita verdadeiramente no privado sem terceiros, sem redes sociais, sem público.

*

(Este texto tem acesso restrito
a pedido do autor.)

*

Nem tudo precisa de ser exposto para ser verdadeiro.

Guardo partes de mim numa gaveta fechada à chave, e não são segredos. É só... privado.

*

Em privado, ele sabia que nunca iria fazer a diferença na vida daquela gente, mas todos os dias ele projetava uma imagem de confiança.

*

I don't see how that's any of your business.

É a última vez que faço sexo telefónico com um promotor da Endesa.

O que é meu, é só meu, mas porquê? Não posso partilhar ou não devo?

Será que é mesmo só meu ou deverá ser de todos?

Porque é que tem que ser só meu se os outros também precisam?

É ingrato ser só meu, só teu, só dele.... Deixemo-nos disso, tudo é de todos e é bom que assim seja. Se é privado não podes entrar, se não podes entrar não podes ter, se não podes ter fica sem sentido.

TRADIÇÃO

O peso das malas de quem não está cá.
O peso da rotina de alguém que passou e tinha,
provavelmente, poder para fazer e criar.

Uma série de malas que nos são atribuídas,
sem o nosso aval, mas que pesam, ficam, e
por vezes é difícil fazer frente à forma como
elas se impõem.

São sintoma de uma construção e normalmente
estão presentes em nós e nos outros.

Quando as deixamos perdidas, há sempre
alguém que as entrega.

*

Em cada festa, a família reunia-se para manter
viva a tradição dos antepassados.

*

Nesta época festiva a tradição na nossa terra
mantém-se, todos os anos dedicamos vários
dias a datas marcantes, lembro assim de repente
o almoço dos idosos da nossa freguesia e o Natal.
É a época que lembramos e pela qual ansiámos
o ano todo, tempo de juntar a família à volta
da mesa para conversar, comer, rir e conviver.
Como é bom manter as tradições. Adoro o
jantar e os convívios das famílias, cada casa
tem os seus hábitos e os seus costumes, mas
estas épocas nos fazem sentir melancólicos e ao
mesmo tempo nos trazem uma alegria imensa
e uma energia enorme.

*

É difícil romper com a tradição. Às vezes é bom fazê-lo, outras nem tanto, até porque nem todas as tradições são boas. Por isso, às vezes é mesmo necessário romper com elas para dar lugar a novas, mais adequadas aos tempos que se vivem.

*

Haveria tanto para dizer sobre tradição, mas o que assalta a memória é a história. O homem sem história, sem tradição, é um homem sem cultura. A tradição personifica a memória de uma comunidade. A história de uma comunidade é eternizada pela consequente tradição de a reviver e a fazer passar de geração em geração.

*

Existem tradições que nos confortam e outras que nos prendem.
Fazemos por hábito, por medo de desrespeitar algo ou alguém que já nem está cá.
Quantas das decisões que tomamos serão realmente nossas?

*

São 6h da manhã... acordo cansado.
Porém, sem sono.

Não posso voltar a comer couves de Bruxelas
ao jantar: pareço um balão de tão inchado.

Vou-me arranjar, a ver se ainda
vou à missa das 8h.

*

Perdoa-me, Tradição, mas é impossível escrever sobre ti. Há ondas que te cobrem. Desces ao fundo com o peso de tudo o que és, séculos de história. Nos dias de hoje, afogas-te. Ninguém quer saber de convenções. Está tudo baralhado. Mas eu ficava a ouvir as ondas que te cobrem para sempre, enquanto te vejo, Tradição, a ires ao fundo.

*

Já deu. Uma, duas três vezes ainda teve graça, agora já esgotou. Agora algo novo. Não dá mais. Ninguém aguenta isto outra vez. Já cansa. Bora inovar, quero novidades.

*

Parecia que toda a quinta perdia o vigor juntamente com a Senhora. Os poços estavam secos como os ramos do velho castanheiro.

MONSTRO

Sei certas coisas que não queria.
Tenho uma amiga cuja falecida esposa estudava
este conceito, o monstro. O que é um monstro?
Uma caixa grande? Uma coisa que mete medo?
Um móvel ou carro gigante? Uma pessoa
ou problema?

Sei certas coisas que já esqueci.

Debaixo da cama todos temos monstros, e isso
assusta. Partilhássemos os monstros uns com os
outros e talvez não custasse tanto.
A monstruosidade tinha outras formas, talvez
não tão grandes.

*

O monstro dentro de mim precisa de amigos.
Problema: ele não é muito saciável. Alimento-o
o melhor que consigo, mas tem um apetite
requintado. Não o alimento como deveria e
estranhamente o monstro vai ficando maior e
maior. Tenho de o alimentar ou qualquer dia
ele come-me.

*

Criei um monstro fictício com o nome de
Monster-x. Tinha 13 anos, mais ou menos, e
identificava-me, porque a sua indiferença era a
vantagem que fazia dele um super-herói — do
qual precisava, porque me sentia afastado
do que é comum.

*

Monstro, que palavra monstruosa! Monstro, aquele que é mau e faz mal aos outros. Aquele que inflige sofrimento. Quero ser a antítese do monstro. Quero ser aquela que inflige amor aos outros... até parece que estou a evangelizar, mas não conheço outro significado da palavra monstro.

*

Ah, o Monstro! Tão tímido, tão envergonhado. Esconde-se debaixo da cama? Cliché. Esconde-se atrás das cortinas? Meh. Esconde-se no armário? Hoje não. Sai do armário! Pisa forte no chão do quarto e estica as garras com orgulho: “SIM, EU EXISTO. E NÃO, NÃO VOU EMBORA. NEM SE ACENDERES TODAS AS LUZES. NEM SE TE ESCONDERES DEBAIXO DOS LENÇÓIS E FINGIRES QUE NÃO ME OUVES À NOITE. ESTE TAMBÉM É O MEU ESPAÇO! EU ESTOU AQUI. É SOBRE EXISTIR. É SOBRE RESISTIR. EU ESTOU AQUI E VIM PARA FICAR! TERAFOBICO!

*

E se somos o monstro de nós mesmos? Criador e criatura: sujeito e resultados das suas escolhas, ser sua própria sombra. A cada dia, a cada escolha que fazemos, nos aproximamos mais do monstro que criamos, Frankenstein das nossas escolhas, espelho da nossa realidade. “Que realidade é essa em que você escolheu morar?”. Assim perguntou-me uma amiga esta manhã. Não sei se quero olhar para o reflexo que afronta a minha coragem.

*

A morte é algo preta e fria, aquela de que todos fugimos, porque sabemos que está marcada, mas porquê? Vejo essa senhora como um monstro que nos atrapalha as ideias e os planos. A morte chega quando tudo se acaba e tudo se acaba quando chegamos ao fim. O ciclo chega à meta e fica concluído quando o monstro nos atormenta.

Se esqueceres o monstro vives livre e feliz.

*

Depois de uma infância a termos medo de monstros que não existem, damos conta de que os monstros são os homens, mas não se pode ensinar isso às crianças.

*

Os monstros são criados por nós, acho. Ou então tive a fortuna de ainda não me ter cruzado com nenhum. Mas sinto que aqueles a quem chamamos monstro são apenas criaturas que não queremos ou não conseguimos compreender.

EXPLOÇÃO

Não sei o que sentir.
Falar. Não adiantar. Falas. Não te escutam.
Não há rigor. Não há uma verdadeira forma
de olhar para isto. Não há uma verdadeira
vontade de ajudar.
É tudo bugiganga.

Sinto-me uma merda porque, no final, não
valem muito. Um mundo cheio de promessas
e poucas ações.
Tenho uma humilhação a fazer-me comichão.
Isto sou eu, farto de ser usado.

*

Quero explodir de alegria. Explodir de emoção,
quando a alegria não cabe no meu peito.
Explodir de raiva, como quem a exorciza, a
expulsa do corpo e da mente. A explosão é
tão necessária, é como expurgar tudo o que
acontece na minha alma.

*

Todos os dias somos bombardeados com tanta
informação que se torna num reboiço de
sentimentos.
É difícil agradar a tudo e a todos, irá sempre
aparecer alguém com uma opinião negativa
sobre o teu trabalho, sobre a tua forma de
estar, sobre a tua posição, pois isso deixa
explodir os teus sentimentos e deixa para trás
tudo o que não te agrada, sente a explosão
natural das coisas.

*

Lembro-me logo de um vulcão, sem nunca ter visto um. Por que é que parece que conhecemos tão bem coisas que nunca vimos?

*

Tic tic boom
Tic tic boom
Tic tic tic boom
Tic boom tic boom tic
Badaboom boom
Kaboom

Que cheiro a dinamite.

*

– Corri e abriguei-me atrás de um carro velho e abandonado. Alguns tiros passaram-me mesmo ao lado, os meus companheiros mais velhos estavam assustados, nunca tinham estado em cenário de guerra. Ouvimos uma grande explosão. O carro onde antes nos tínhamos abrigado tinha explodido. A situação não estava fácil. Ainda nem sei como aqui estou a contar-vos isto.

*

BOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOO
OOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOO
OOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOO
OOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOO
OOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOM

*

– Foge! Isto vai tudo pelos ares!

*

Eles gritavam um com o outro numa explosão. Em pleno ambiente de trabalho. A tensão era tanta na convivência, que, após a gota d'água do último alfinetar de um comentário torto, tudo foi aos ares: falaram diante de toda a equipa o que pensavam um do outro. O clima era denso, mas as palavras que se seguiram deixaram os laços em cacos. Foi inevitável e insustentável.

*

Sinto uma explosão dentro de mim sempre
que algo me toca de verdade, como um
filme ou poema.

CONSCIÊNCIA

A escrita são só palavras. Tentamos procurar formas de partilhar o que temos e o nosso espólio de referências e emoções ficam aqui.

Eu olho para ele e digo:
Às vezes é isto. É uma música e o caminho para casa.

E continuo:
É isto. E está tudo bem. O Shazam não é só procurar, também é lembrar.

Lembrar é isto. Pode ser uma rua com árvores, umas luzes de Natal num ambiente liminar, ou só rasgar papéis.

Às vezes é só estar com o quente da lareira.
Podes só levantar e virar as costas ao quente.
É isso. E está tudo bem.

*

Tenho consciência? Terei consciência da pessoa de sorte que sou? Ou sou daquelas que olha para o lado e só vislumbro aqueles que têm mais sorte que eu, imitando os que não têm sorte, nem consciência... Que consciência? O que é, efetivamente, a consciência? Uma palavra para a qual cada um atribui o significado que mais lhe apraz. Não sei se a tenho, pois não penso nela... e logo tenho consciência da importância da sua ausência.

*

Quando é que ganhamos consciência? Na nossa memória mais antiga? Ou antes? A nossa consciência presente só inclui aquilo a que a nossa memória permite aceder, mas no passado não estivemos inconscientes nos momentos que não ficaram gravados.

*

Respiro. Faço-o inconscientemente desde o primeiro respirar. Tanto que se penso nisso o processo fica mais difícil.

Penso. Faço-o inconscientemente desde o primeiro pensar. Tanto que se penso nisso fica uma confusão na minha mente que às vezes até me esqueço de respirar.

*

Para se ser artista
é preciso consciência
e agir inconsciente
dos sentimentos intensos.

Amar o luar,
morrer todos os dias
e caminhar
sem querer saber de nada
e preocupar-se com a criatividade
unicamente consciente.

*

Toda ou nenhuma.
É a consciência que nos leva ao arrependimento,
tentando minimizar as consequências da
ausência de consciência.
A inconsciência gera consciência.

*

Penso em tudo o que passámos, bons e maus momentos, será que fiz tudo certo para não te magoar?

Quero que sejas feliz e não penses em nada que ficou por fazer, não me quero arrepender por ter deixado algo por fazer ou por falta de tempo. A minha consciência está bem, porque aproveitei todo o tempo para ser feliz e para te fazer feliz enquanto estive ao teu lado.

*

Consciência? Quem quer o preço de pagar a prenda de uma existência sem consciência? O fluxo é gostoso, mas chega uma hora que pesa, que o tempo urge a consciência, a autorresponsabilidade. Qual a justa medida entre o interminável fluxo das experimentações e o pragmatismo do êxito, do aqui e do agora? O que move tem que se alinhar ao local de chegada, senão o caminhar torna-se errante, senão é só vagar sozinho no escuro. Por quanto tempo? Já imaginou a solidão de caminhar sozinho no escuro por toda a eternidade? Chamo o arquétipo do eremita: o candeeiro com a chama na altura dos olhos. Chama, dá-me a consciência.

*

Nunca pesa. Eu diria leve até. Pois quem sou eu para julgar? Afinal, cada um sabe de si. Cada um tem de fazer o que lhe faz feliz! Isso não me diz respeito. Não vou comentar sequer. Nem me quero meter nisso.

PROMESSA

As coincidências, por norma, estão
sempre comigo.

Hoje estão. Há certas alturas em que não faço
ideia do plano, não sei para onde vou. Talvez a
vida deixe pistas e eu não sei lidar com elas.

Se no Japão fazem reparações dos vasos, o que
podemos nós fazer para reparar? E se não tiver
recuperação?

Tudo depende da promessa que for feita.

*

A promessa que te fiz
para sempre vou manter.
Espero que sejas feliz
sempre enquanto viveres.

Prometo ser amigo
espero ter-te sempre a meu lado.
O caminho é longo
mas juntos conseguimos alcançá-lo.

*

Uma promessa, para mim, não é só palavra dita;
é um fogo quieto que arde no peito, lembrando-
-me de quem eu escolhi ser.

*

A primeira promessa, em consciência, foi a que fiz no altar de Deus, onde te prometi fidelidade, amor, respeito, até que a morte viesse para nos separar. Haverá promessa maior? “Até que a morte nos separe”? Há! E não é feita em nenhum momento solene... é na maternidade, quando ouves o primeiro choro do teu filho e o vês pela primeira vez. Aí, nesse momento, no silêncio das palavras, prometes amar para sempre... para lá da morte!

*

(não consegui)

*

Já fiz promessas que sabia que não ia cumprir. Não por maldade, mas porque em algum instante acreditei mesmo nelas. E a mais difícil de todas foi prometer a mim mesmo que ia ficar bem.

*

Essa promessa que fizemos fazia todo o sentido naquele tempo que era nosso. Agora as vidas avançam por diferentes caminhos. Para voltarmos à nossa promessa, teríamos de voltar para trás. Voltar ao ponto em que fizemos a promessa e cumprir em vez de prometer.

*

Ele fez-lhe a promessa de que iria esperar por si o tempo que fosse preciso. E um dia ele iria voltar...

*

Viver à base de promessa(s) pode ser tentador,
mas no final de contas, queremos viver uma
vida em que temos de pagar por tudo o que nos
acontece de bom?

Não seria melhor aceitar o que temos e
viver com isso?

*

Este estudo investiga o princípio fundamental
conhecido como “Lei do Mindinho”, que rege a
validade de promessas interpessoais. Através
de observação empírica, demonstraremos que a
elevação do dedo mínimo (mindinho) durante
uma promessa está diretamente correlacionada
com a sua taxa de cumprimento.

Breves apontamentos sobre a tabela periódica

“Oxys-gonos” – Gerador de ácidos

Ana Pimenta

Pediram-me para falar de ti, Oxigénio. Aquilo que és, como palavra escrita, deve andar descrito em centenas de livros. Procuro-te, portanto, nos corredores mudos das bibliotecas. Esses lugares que concentram em poucos metros quadrados de andares empilhados todos os saberes e todas as vozes impossíveis de apagar pela morte ou pelo tempo. E eu, sem grande tempo, escolho um livro pequeno ao acaso. Na lombada pode ler-se a gravação dourada “Oxys-gonos: gerador de ácidos”. Aldous Huxley teria gostado deste título para um dos seus livros.

Descubro que Lavoisier te deu o nome, que és tu que tinges, possivelmente, o mar e o céu de azul, que és o terceiro elemento mais abundante do Universo atrás do hidrogénio e do hélio. Detenho-me e fico confusa... Oxigénio a mais?

Ser indispensável à vida não é o mesmo que ser gerador de vida. A vida surgiu antes de ti, Oxigénio. O teu estado livre é um produto de uma criação nossa, aliás, dos organismos fotossintéticos. Atrás de ti, inúmeras criações, toda a complexidade hoje conhecida. Saímos das profundezas do mar para habitar a terra, saboreamos o sol sem nos eclipsarmos.

Só continuas a oferecer resistência sempre que ousamos subir as mais altas montanhas. Gostas da vida terrena. És baixinho, junto ao mar, na altitude zero onde te respiramos melhor. Do tanto que és disponível até nos atordoam os sentidos, orgásmico Oxigénio.

Cobalto

Anabela Rodrigues

Quando oiço o teu nome, ponho-me logo a pensar,
para que serves tu, metal irregular.

És bom para o ser humano, na alimentação estás presente,
mas na pele não podes ser colocado diretamente.

Resistente ao calor e não te deixas enferrujar.

És bom para o corpo humano, pois não debes faltar, todos
sabemos que a tua ausência anemia pode causar.

Tens muita utilidade, és usado nas turbinas dos aviões e na
esterilização dos alimentos, dos instrumentos cirúrgicos e
dos medicamentos.

És um metal precioso que em tudo está presente, no vidro, na
cerâmica também te podemos encontrar e até mesmo nos
alimentos para o tempo destes se prolongar.

O significado do teu nome é engraçado, pois aos espíritos
malignos és associado. Será por essa razão que na pele do
humano não debes ser colocado?

Os mineiros não gostam muito de ti, és tóxico
e contamina o ar.

Mas é engraçado como podes ser confundido com a prata,
um metal tão precioso que muitos gostam de roubar e te
colocar no seu lugar, pois facilmente és usado para enganar.

És radioativo e facilmente te espalhas, provocas doenças feias que nem quero lembrar. És mau o suficiente e difícil de eliminar, pois existe até quem te queira usar para uma guerra nuclear. Se queres saber mais o que sou, aconselho-te desde já a pesquisar: sou o cobalto, o metal irregular.

Hidrogénio

Carla Oliveira

Quero ser o hidrogénio na tua vida; não quero incomodar, nem impor a minha presença. Quero que saibas que estou presente sem que sintas o meu cheiro, sem que vislumbres a minha cor. Quero armazenar a energia que te sobra, para usares quando dela necessitares.

Estarei assim presente na tua vida, sem incomodar, apenas existindo, com tanta certeza como o ar que respiras, na água que bebes. Quero ser a tua companhia, sempre que dela precisares.

O abraço apertado, a palavra certa, o beijo sentido.

Quero ser o que quiseres que eu seja. Incolor, inodoro e insípido, quando tiver que o ser, mas inflamável sempre que precisar de te defender.

Plutónio

Diogo Sottomayor

Meu querido Plutónio, espero que esta carta te encontre onde estiveres, espero que estejas em 238, porque quando estás em 239 ninguém aguenta.

Quando te pesquisei no Google, foi assim a viagem:

Rapper

Música

Rapper

“Estou finalmente a viver a liberdade artística”

É de São Sebastião da Pedreira

Concerto esgotado

Nova data

Concerto esgotado

Instagram

Somos iguais

Acordar

Meu Deus

Uh LaLaLa

Depois percebi que não eras tu.

Tu nasceste a 14/12/1940, fazes anos daqui a 7 dias. O *rapper* é de junho de 1985.

O teu signo é sagitário, o que é típico, e sabes que diria o mesmo se fosses aquário.

Estás entre a vida e a morte. És combustível para reatores nucleares e fabrico de bombas atómicas em 239, mas quando acordas em 238 és fonte de energia para *pacemakers* e geradores termoelétricos.

Espero que venhas a casa no Natal em 238. Para 239 já basta a avó Rosa quando come demasiadas rabanadas.

Estanho (Sn₅₀)

Emanuel Rocha

Como o estanho, somos todos maleáveis a baixas temperaturas e muito frágeis quando aquecidos. Podemos mesmo chegar ao ponto de gritar, como o estanho e o seu famoso grito.

Como o estanho, podemos misturar-nos com outros metais e formar combinações de extrema importância para a humanidade, ou apenas para o nosso mundo, como foi o caso quando o estanho se juntou ao cobre.

Contudo, nem todas as combinações são boas. Algumas até podem parecê-lo, mas quando se dá por ela, são, na realidade, nocivas e perigosas.

Como o estanho, podemos servir para colar vidas, para juntar duas linhas de vida que nunca se iriam cruzar de outra forma e dar-lhe um novo sentido e utilidade. Mas nem todas as linhas são compatíveis e nem conseguimos colar todas as vidas, às vezes é preciso um metal mais forte.

Como o estanho, somos resistentes à corrosão, mas há limites. Há corrosões e corrosões, há agentes corrosivos e há agentes corrosivos. Se nos soubermos colocar nas condições ideais podemos ser mais estanho, podemos ser mais resistentes.

O estanho é um metal sem vida.

Nós temos vida.

As voltas que a vida dá! Quando comparados com o estanho, temos tanto a aprender.

Sobre o Cu

Jonas Rocha

Lembro-me de, no sétimo (ou oitavo?) ano, encarar a tabela periódica pela primeira vez. Nunca me pediram para a decorar, sorte minha, porque a simples ideia de memorizar aqueles quadradinhos todos, com letrinhas e nomes impronunciáveis, já me dava arrepios. Mas havia algo engraçado nisso, já que era o que via nos filmes.

Aprendi a lê-la, a entender como os elementos se organizavam, e isso bastava. No entanto, mesmo sem esforço, alguns nomes e símbolos ficaram colados na minha cabeça. **H** (hidrogénio), **O** (oxigénio), **C** (carbono)... e, claro, o inesquecível **Cu**. Cobre.

Não é difícil adivinhar porque esse em particular ficou na minha memória. Aos 13/14 anos, qualquer coisa que soasse remotamente a uma palavra proibida ou engraçada virava instantaneamente o ápice do humor. *Cu*? Era óbvio. Alguém, em algum lugar, decidiu que o símbolo do cobre seria *Cu* e eu só conseguia pensar: “Alguém fez isso de propósito.” Os meus colegas, claro, também notaram. Houve risinhos abafados, trocas de olhares, aquele tipo de coisa que faz um professor suspirar e seguir em frente como se não tivesse ouvido. A tabela periódica, pode não parecer, está cheia de armadilhas para mentes juvenis, mas o *Cu* é a estrela indiscutível. Há elementos que brilham por causa da sua reatividade, da sua raridade ou do seu valor, o *Cu* brilha porque provoca uma gargalhada em qualquer canto do mundo onde se fale português.

É curioso como certas palavras ficam na cabeça não por serem importantes, mas por provocarem um curto-circuito entre o que é sério e o que é engraçado. O *Cu* é um

desse caso em que a linguagem científica colide com a linguagem do recreio, e perde. Porque, por mais nobre que seja o elemento, por mais aplicações incríveis que tenha na condução elétrica ou na história da humanidade, a sigla continua a ser... Cu. Duas letras capazes de sabotar qualquer tentativa de manter a compostura.

E assim, anos depois, o cobre é um dos elementos que nunca esqueci, não pelas suas propriedades químicas ou utilidades, mas por essa pequena travessura da linguagem. E, no fundo, acho que era disso que se tratava: a tabela periódica podia ser um monstro de informações, mas tinha os seus momentos de puro nonsense e eram esses que a tornavam, no mínimo, mais memorável.

Zircónio

Miguel Valido

É curioso que existam cristais de zircão mais antigos do que a própria vida, e no entanto esta nunca fez uso do zircónio sob nenhuma forma até nós forçarmos essa relação.

Inserido cirurgicamente, o metal forma uma relação estável com o nosso corpo, sob a forma de próteses ou de implantes dentários.

Mas a vida é transformação, um processo sem fim que tira proveito da instabilidade e da inconstância.

Um elemento tão estável passa despercebido a esse processo.

[O Hélio foi à praia ver o sol]

Pedro Rocha

O Hélio foi à praia ver o sol
e ali ficou
imaginando-se astronauta
para um dia ir, de balão
ao espaço
que é como quem diz
viajar para lá da imaginação
dos limites da existência.

Mas continua aqui
em terra
porque não se tornou
mais do que mero poeta
que por ter nome de divindade
Hélio
acha-se no direito
de opinar sobre tudo.

No fim das contas
sentimento, apenas isso
porque todo o artista
se encontra assim, poderoso
acreditando ser deus
com a coragem do voar.

Mercúrio

Remi Gonçalves

Eu sou o Mercúrio Metal, muito prazer.

Devem conhecer a minha família Metal.

Ao contrário do que podem pensar, eu não sou rijo nem sou duro como eles. Sou um Metal Líquido, quase como que a ovelha negra da família, neste caso, a ovelha prateada líquida.

Toda a gente me teme e diz que sou tóxico, mas eu derreto-me todo com as suas palavras, sou um autêntico coração de manteiga.

Também têm a mania de me chamar retrógrado, se bem que me considero todo para a “frentex”. Essas pessoas precisam é de um espelho!

Eu até tenho amigos mais escuros e outros amigos que se sentem atraídos por ímanes.

Por vezes também me confundem com um outro Mercúrio, que ouvi dizer que habita lá para os lados do Sol, mas que ninguém consegue lá parar devido à sua instabilidade emocional. Tanto é bastante caloroso com as pessoas ou é muito frio. Eu já aprendi a lidar com ele e levo sempre um termómetro comigo.

Já tenho idade suficiente para deixarem de me trocar o nome e me confundirem.

Olhem que o Hércules nunca me confundiu nem me trocou o nome.

No fundo, até tenho um certo orgulho em ser diferente e considero-me especial, mas se eu pudesse escolher, seria uma vitamina ou um suplemento para estar mais presente na vida das pessoas e fazer-lhes bem.

Ósmio

Renato F.

Olá. Chamo-me Ósmio. O meu número atómico é o 76. Ainda bem, porque eu prefiro números pares.

A maior parte de vocês não me conhece. É normal. Sou muito discreto, não costumo sair de casa sozinho, e quando o faço, tento me acompanhar dos meus melhores amigos: o Iridio e a Platina. Eu sei, eu sei... Todos a conhecem. Ela é uma vedeta, e a presença dela é muuuuuuuuito cara. Não é para qualquer bolso. But enough about her... Quando estamos juntos, fazemos muitas coisas que a maioria das pessoas desconhece. Na verdade, até brincamos e dizemos que juntos somos uma liga.

Nós gostamos de trabalhar questões mais delicadas, como as pontas das canetas de aparo, contactos elétricos, e até agulhas fonográficas, a música analógica tem outra textura que não é comparável...

Mas nem sempre conseguimos estar juntos, e às vezes tenho de fazer coisas por mim próprio, ainda que me custe. Basta-me respirar bem fundo, por exemplo, e sou capaz de ajudar na deteção de impressões digitais, ou mesmo na marcação do tecido adiposo em microscopia.

Ainda tentei ajudar a acender lâmpadas, mas havia outro melhor do que eu a fazê-lo... O Tungsténio. Portanto deixei-me dessas aventuras.

Uma coisa em que eu nunca fui bom — mas que mesmo assim vou tentando — é escrever o final de um texto. Nunca tive jeitinho nenhum...

Olhem, o telefone está a tocar! Desculpem, tenho de atender.

Au 79.

Vivien Merciel Suarez

Quem hoje é ouro, ontem já foi prata.

O ouro apareceu como um metal pretensioso, enquanto a prata parecia ser mais “gente como a gente”...

O ouro, pensava, era um metal que criava distanciamento, opulência, distinção. De facto, a distinção ainda faz parte da liga do ouro. Auuuuu. Uivar ao ouro, na esperança de que ele retorne com algum ruído.

Silêncio.

“Se a palavra é de prata, o silêncio é de ouro.”

Diz o ditado.

O ouro traz sobriedade e, com isso, credibilidade. Assim chegou o ouro na vida, não como opulência, mas como elemento de solidez e credibilidade, aquele que “não fala nada e já diz tudo”.

Aquele que se faz presente em silêncio, aquele cuja presença já diz por si só.

O ouro.

Antes nos estranhávamos, olhávamos um ao outro com preconceitos e julgamentos. Hoje, nos damos, andamos a gosto.

Meu pai ama o ouro e, naquela altura, jamais pude entender a reverência dele àquele metal. Reverente, insistia em dar-me

o ouro em presentes. Eu não os rejeitava, mas insistia em abandoná-los guardados em suas caixas no fundo do armário. “A cidade é muito perigosa”, dizia eu. No fundo, toda a dádiva envolve um fluxo de oferta e de aceitação. “Onde estão as moedas?”. A oferta estava posta. Custou-me um bocado trabalhar a aceitação de tais prendas.

Deixava o ouro em silêncio guardado no escuro, no canto do armário: uma maneira de calar o ouro é não deixar entrar a luz onde ele vive, para que assim ele não possa luzir. Calado.

Cadê todo o teu brilho agora, preso aí no fundo do armário, no quarto escuro?

Meu pai é um imigrante. Quando o conheci, adolescente, até nos dentes ele trazia algumas partes de ouro. Para mostrar que ele podia, que era um senhor distinto, um homem invulgar. Distinção, de facto possuía, mas os códigos culturais entre o país escolhido e o país de origem são, como ouro e prata, também bastante distintos. O que lá seria marca de poder, respeito e opulência, em outro canto podia ser apenas um sintoma de mau gosto. Hoje em dia, assimilado pela cultura, o meu pai não traz mais o ouro nos dentes, mas o traz no peito, sempre em alguma corrente, porém sem ostentação. Apenas com o brilho sutil e a presença, para seguir com sua marca de distinção. Um senhor distinto: meu pai, de traços andinos e pele e raça de bronze. Morar na zona rural fez dele o médico da cidade. Impõe respeito. Nos grandes centros urbanos, só mais um imigrante. Inequivocamente de origem andina, às vezes acham que o meu pai é peruano e, quando criança, enquanto caminhávamos todos juntos, o meu irmão percebeu o estereótipo dos cusquenhos que tocavam flautas de bambu em troca de uns trocados no Largo da Carioca, no Rio de Janeiro.

O meu pai, como bom imigrante, respondeu ao filho com assertividade: meu filho, eu amo a música andina, ela é linda, eles estão tocando muito bem.

Hoje, como imigrante, entendi o valor de trazer o ouro no peito. Hoje, finalmente uso as joias da família: trago à luz o ouro que veio do meu pai. Como ele, hoje sou uma imigrante que precisa impor respeito e credibilidade em qualquer ambiente... sem que seja necessário pronunciar uma só palavra.

Deixo à mostra o ouro e ele diz tudo: diz que não sou miserável, que provavelmente venho de boas famílias, que tenho bom gosto, já que a peça é delicada.

O ouro no peito é uma marca de imigração que trouxe do meu pai e que vem comigo para todos os cantos. Aqui é um país seguro. Deixa o ouro ver a luz, deixa ele cantar.

Respeito e credibilidade: esta é a luta diária de todo o imigrante que, no fim do dia, só quer sorver de novo uma gota... uma gota de dignidade.

Monólogos para um palco imaginado

Felizmente sós?

Ana Pimenta

(Uma tela com uma projeção azul em pausa. O ator que dá voz ao monólogo entra, partilhando com o público algumas notas sobre a peça.)

Esta peça é um monólogo, um discurso que dificilmente escapa ao entediamento, de quem ouve e de quem fala. Exige um esforço meu e vosso. Aos que se aborrecem com facilidade, pedimos que reconsiderem a vossa presença nesta sala.

Esta peça é um monólogo e é sobre tradição e solidão. Concorde, que temas! Para coisas infelizes já nos basta a vida... É preciso a tragédia também no teatro? Voltar a arrastar para o palco os problemas, quando o que mais queremos é evitá-los? Não me culpem pela escolha. Eu só dou voz ao texto e preciso de trabalho. Às vezes, temos que nos sujeitar ao que aparece. Como vocês, quando procuram uma peça para se entreterem. Sujeitam-se ao que aparece. Às vezes, nem se lêem as sinopses e o engano é colossal. Por respeito ou vergonha, alguns permanecem nas cadeiras ou tiram uma sesta, o que cria um certo constrangimento, visto deste lado.

Por isso o autor do texto decidiu fazer este aviso, convidando a sair quem quiser. Vamos aguardar uns momentos para que possam tomar essa decisão e começaremos de seguida. Aos que decidirem ficar, bom espetáculo.

(O ator aguarda ao fundo, junto a uma mesa de apoio. Olha o texto uma última vez, consulta o telemóvel, faz uns exercícios de relaxamento e depois olha para o público para perceber se pode começar. Vendo que pode, pega no comando e coloca a projeção a dar. Sucedem-se imagens em loop desde o início

da Terra até à evolução do homem. Imagens sobre o passado e o presente, o tempo geológico e o histórico. O ator olha as imagens com atenção. Há uma música a circular [“Proverb”, de Steve Reich] a encher o palco, a servir de banda sonora ao filme. A música baixa. O ator dirige o olhar para o público e começa. Movimentos em palco, tons de voz e gestos definidos pelo encenador e ator. O autor do texto gosta e sugere a influência dança-teatro de Pina Bausch.)

A História é feita de tradições. Primeiro, as pedras que talhávamos. Depois, as que percutíamos. As mesmas que nos levaram à descoberta do fogo.

Depois, corridas em grupo atrás dos animais que caçávamos. De seguida, a preparação das peles e os adornos, com que hoje ainda enfeitamos pescoços e pulsos.

Depois, as pinturas no interior das cavernas e o sangue a desenhar o que gravávamos por dentro. Mais tarde, as palavras a prolongarem os gestos.

Depois, os monumentos erguidos para sepultar os nossos. O corpo a voltar à forma primordial e o nosso desejo de imortalidade.

Pelas tradições, ressuscitamos os mortos e o seu tempo. Mas hoje não precisamos de nada disso.

Houve um tempo em que as tradições enriqueciam o presente. Hoje parece que não. Ninguém quer saber de tradições. Ninguém quer ficar amarrado ao passado, preso ao que aconteceu. Ninguém quer esse peso, limitador da liberdade.

Estamos constantemente a apagar o que nos acontece e temos dificuldade em preservar, manter, porque não somos dados a tradições.

As tradições que pareciam combater a solidão negra do futuro, do qual nada sabemos e cuja única certeza é a morte.

As tradições eram apontamentos de luz, vozes de mães que embalavam os filhos e cujos gestos seriam repetidos, por tradição, e embalariam os nossos.

Mas não. Hoje não se pensa ser pai ou mãe. Não se pensa em família. O que era tradição deixou de ser. As tradições deixaram de ser.

Não há mães a aconchegar os filhos, nem frio a perturbar os seus corpos frágeis, porque não há frio. Há uma inteligência artificial a regular a temperatura, poupando-nos da difícil tarefa de pensar. Há robots a criarem os filhos por nós, a embalarem os filhos por nós.

Não se repetem, por tradição, o gesto de mil mães, muito menos o da sua, mas há tutoriais na internet e apps que ensinam o que fazer e como fazer, numa diversidade de vozes que desorienta, mais do que orienta.

Há mães despreocupadas e nada ansiosas, porque o risco é zero e não há perigo. Da segurança e da inovação nascem crianças híbridas que nos fitam os olhos sem empatia.

As tradições, que foram altares de santos venerados em busca de proteção, não têm espaço nas casas minimalistas. As tradições estorvam. Trazem valores que não valorizamos. Não queremos valores. Queremos dinheiro, viagens, um carro elétrico de preferência de uma marca que não Tesla e um condomínio privado. Queremos ter as roupas da moda, as samba, a mala Tous, o blush. Filhos não queremos. Queremos ser jovens adultos até aos 80 e com o mesmo desempenho sexual.

Só importa o presente. O futuro dizem que não há. A palavra esperança é coisa do passado. A saudade é retrógrada.

Precisamos de futuro? É preciso futuro? É preciso olhar em frente? É preciso viver? Vivemos? Vivemos mais ou vivemos menos? Como vivemos? Estamos sós? Há ou não há solidão?

Há a mania de dizermos que não, que estamos todos ligados.

Posso ser duro e desafiar-vos. Quantos de vós trabalham remotamente? Quantos de vós vivem sozinhos? E quantos vieram para aqui sem ainda terem falado com alguém? O “boa tarde” dito aos assistentes de sala não conta.

Não falaram, mas trocaram mensagens de texto. Com quem?

Estranha esta solidão. Somos sós, num mundo com tanta gente. É que nunca fomos tantos e nunca fomos tão sós. Somos hoje seres solitários.

Entre os problemas das cidades, a solidão. Como assim, solidão?

Planeta Terra, pobre de ti, solitário que és por seres o único com vida. Podemos elevar a nossa solidão, se quisermos. Um habitante por planeta e ainda sobriariam 10 bilhões por ocupar. Há espaço e futuro para a exploração espacial. Há espaço para falar de futuro nesta peça? Ou vão considerar fuga ao tema? É seguro falar-se de futuro?

O que mais se ouve é que o futuro está todo “fodido”: aquecimento global, Europa em guerra, Putin e Trump a masturbarem-se sobre o mapa-mundo pelo prazer que lhes dão as suas superpotências e nós, Europa, impotentes. Tempo confuso, agressivo e baralhado. Mundo que funciona pelo consumo, a esgotar os seus recursos, a ter medo disso, uma velocidade que nos atira para o precipício.

A solidão é um consolo à beira disto. É fácil vencê-la. É ridículo, invasivo, pode às vezes ser perigoso. Mas posso?

(Aproximando-se do público, fazendo intenção de dar um abraço. Abraça.)

Podemos correr o risco do real?

Com o passar dos dias...

Anabela Rodrigues

Enquanto dormem gosto de divagar pela rua.
É bom divagar, sozinho, para arrumar as ideias mais difíceis.

– Então como está? Pergunto eu à noite e, claro, a resposta é sempre a mesma.

Escura.
É o que ela diz sempre.
Porém, o certo é que a resposta muda conforme o tempo.

Escura com nuvens! Escura com chuva! Escura com vento!
Escura, mas com belas estrelas!

Enfim, escura é sempre a resposta.
Esta é daquelas respostas que vamos ouvir sempre,
não concordam?
Bom, continuando o percurso... lá vou eu.

– Boa noite!
Digo ao gato, a resposta pronta dele: miau, miau, miau!

Engraçado, já alguma vez repararam que até o miar dos gatos
é diferente conforme o tempo?
Pronto!

– Miau para ti também! Eu sou muito educada. Até com gatos
falo. Ou serei maluca?
Pois não sei...

Caraças, mas não é que o gato gosta da minha resposta!
Viram? Abanou o rabo... e a cabeça! E... lá foi.

Todos dormem, ou melhor, a maioria já dorme, porque de vez em quando oiço vozes lá longe, será no café?

Mais à frente encontro um cão, o mesmo de todos os dias. Lá está ele à espera do biscoito que levo no bolso.

– Então, como estamos hoje?

Tudo na mesma, claro, pudera, isto está sempre tudo igual, até parece que hoje foi ontem e que amanhã vai ser hoje.

– Tretas! Não é? Bem sei que queres o biscoito. Não é? Pois bem, toma lá meu amigo, amanhã cá nos encontramos, fica bem!

Viram? Ele também respondeu, com uma lambidela e o rabo a abanar.

Sigo em frente e vejo flores, a descansar, oiço pingos das torneiras mal fechadas... ou estragadas.

Passo no café e lá está o Manel, o Quim e o Tónio, sempre os mesmos! Coitada da Maria, a mesma conversa da treta todos os dias e os mesmos bêbados para aturar. Ela vem e diz que está na hora de ir para casa, mas eles fazem de conta, e lá pedem mais um copito... Realmente é sempre o mesmo, penso eu, vou ter de pensar numa forma de mudar isto. Mas como faço?

Já sei, amanhã começo a caminhada no sentido oposto. É isso, não é?
Tenho sempre boas ideias, não concordam?
Claro que não, já sei, ficam sempre incomodadinhos porque arranjo solução para tudo.
Mas também, querem o quê? Fico à espera das vossas soluções?

Não, não vale a pena. Pois, como sempre, tenho de arranjar solução para tudo, porque as vossas soluções nunca aparecem. E quando aparecem... não servem para nada.

além do trabalho e um trabalho que acrescenta sempre algo à amizade, até porque as conversas sobre trabalho são cansativas, cansativas e repetitivas.

E por isso deixamo-nos ir e a conversa flui.

– Então como está a família? Está tudo bem lá por casa?
O fim de semana foi bom?

É claro que são sempre perguntas da treta para respostas iguais.

Embora, muitas vezes, este tipo de pergunta sirva apenas para puxar conversa, ou para denunciar que alguém precisa de desabafar, contar o que lhe vai na alma, contar tudo! Falam de tudo, de todos e de ninguém, sim, porque não falamos dos outros, mas sim das nossas vivências com os outros.

É bom saber... sentir que somos pessoas, que podemos ajudar no trabalho e na vida. No final do dia lá volto para casa. Aqui as emoções são outras, são diferentes, são sentidas e vividas com mais intensidade, com mais garra e com muita alegria.

A casa cheia, correm, saltam, pulam, cantam, gritam, enfim! Tudo se passa lá por casa. Mas é sempre uma alegria.

Depois de tudo organizado, e, de todos se terem deitado, não saio para a rua, para a caminhada noturna, porque hoje foi a matinal.

Então, e até porque não me apetece ir dormir, fico à janela.

A noite... linda! A lua brilha lá no alto, sinto o cheiro das flores, misturado com o cheiro a pão que já se faz na padaria, que sossego!

Oiço grilos, cigarras, cada um com o seu canto, cada um com a sua história em forma de sinfonia. Se ouvires com atenção entendes a linguagem, o tom e a forma como cantam, depressa ou devagar, dá para entender se estão tristes ou felizes, é bom ouvir, observar e tentar entender o cantarolar.

De repente vejo a cambalear um pássaro, coitado! Está cansado. Procura abrigo para pernoitar. Então, o que se passa?, pergunto eu. Assustado, o pobre coitado hesita em levantar voo ou a ficar ali a ouvir-me.

O meu tom de voz sossegou-o e fê-lo sentir segurança. Não voou. Pelo contrário, caminha até à escada, onde estava sentada a fumar.

Olhou para mim vezes sem fim, a cabecita dele não parava de baloiçar. Senti que tinha descoberto mais um amigo. Passo a passo, lá veio arrastar a asa, até se acomodar mesmo ao meu lado. Com um chilrear muito suave, deixa escapar uma melodia em forma de agradecimento.

Mas de repente... coitado! Levou um susto do galo do vizinho que abriu as goelas como só mesmo ele sabe! Pelo tom e força deve mesmo ter dito: “toca a levantar que eu já acordei!”

Vejam bem: eu, que ainda nem fui à cama, e já aquele relógio madrugador está a mandar levantar o pessoal. Francamente, galo Corócocó, vai dormir e deixa estar quem está sossegado.

Sabem uma coisa? Já respondi isto imensas vezes! Porque o fulano tem a mania que manda na rua toda, e comigo não tem! Mas, infelizmente, para ele pouco ou nada vale, até porque canta todos os dias.

Por vezes sentimo-nos incomodados com a linguagem dos animais, contudo, já pararam para entender essa linguagem?

É bonito quando ouves o cão do vizinho lá no início da rua e logo a seguir mais um e mais e mais e mais um, e, de repente, todos os cães da rua ladram! Parece uma sinfonia, mas no fundo é apenas conversa. Incomoda? Porquê? E os teus gritos, e a tua conversa? Não os incomoda a eles? Ah, pois, é? Claro que sim..., mas eles nada dizem, não reclamam, pelo menos não falam de forma a que entendas, mas falam...! Acredita que sim. Já pensaram nisso?

Deixem as emoções fluírem e levem ao limite os sentimentos sempre que vos apeteça. Sigam o caminho que melhor trajeto vos oferece e sejam felizes.
Só isso interessa, só isso faz sentido.

A vida é complicada?

– Sim, claro, mas somos nós que a complicamos.
Pensem nisso!

Sabem como podemos descomplicar, ou pelo menos simplificar de alguma forma a nossa vida?

Sabem ou não?

Pois, estou a ver que não sabem, mas eu digo-vos: “Cuidem, cada um, da vossa vida. Apenas da vossa! E deixem a vida dos outros em paz.

É bom ter liberdade, pensar, agir e viver como entender.
A vida dá-nos momentos de reflexão, alegrias, tristezas. Mas também dá ensinamentos, aprendizagens e tempo! Tempo para pensar e agir de forma racional e ponderada.

Sejam responsáveis com as pessoas, com os animais e com o próximo.

Já pararam para pensar no futuro? Não adianta lamentações, a vida é como é, temos que lutar e seguir em frente sempre com a cabeça erguida, nem que para isso seja preciso colocar umas escoras.

Temos de pensar, o futuro será diferente, se é que agora não foi como queríamos.

Imagino daqui a uns anos, quando já não conseguir fazer caminhadas nem matinais nem noturnas, o que estarei a fazer? Os filhos crescidos, casada ou viúva? Sei lá... Bem... Bom mesmo era ser velha, elegante, menos chata, rica ou pelo menos com uma conta bancária com saldo sempre

superior a seis dígitos, para não me preocupar com as contas, e com a minha cara-metade sempre ao meu lado, isso seria uma boa opção.

Os dias passam, as obras ficam, as pessoas partem e tudo tem um fim. Tudo tem princípio, meio e fim, não é assim? Este é o princípio da minha história, com algumas das minhas emoções, vivências e aventuras. O fim estará longe, ou pelo menos assim espero, por isso temos de aproveitar o presente.

Todos os dias mudamos de roupa, calçado, comida, horários, enfim, alteramos tudo um pouco a cada dia, mas porquê? Porque a vida é mesmo assim, uma constante mudança que nos faz crescer e vencer.

Deixem de reclamar que estão cansados, stressados, e sei lá mais o quê... Isolem-se daquilo que não precisam, das pessoas que nada vos dizem, não se envolvam nem se ocupem com os problemas dos outros, tentem se conseguirem...

Não façam o vosso trabalho e o dos outros, só porque sim. Relaxem, acalmem-se, tudo sem pressa, assim tipo: inspira, expira, conta até 10 e continua...

Não é fácil, eu sei, também sei que estão com vontade de me mandar dar uma volta... Mas acreditem, a vida não é complicada, nos é que a complicamos.

Pensem: se em cada dia pararmos para inspirar, expirar e contar até 10, umas 4 a 5 vezes por dia, no final do dia devemos ter ocupado 20/30 minutos do nosso tempo? Isso não é nada e acreditem, a nossa mente e o nosso corpo agradecem, mas ainda vão agradecer muito mais todos aqueles que se cruzam connosco diariamente.

A adrenalina eleva o ritmo, acelera o metabolismo mas também nos leva à exaustão, o que por vezes nos faz cair num buraco sem fundo. Isso não é viver, por isso é preciso acalmar, relaxar e deixar fluir com naturalidade o tempo. Tudo vai acontecer dentro do esperado.

A solidão acompanha-te, o cansaço segue-te, a força não aparece e a garra ficou esquecida. Isto tudo porquê? Porque não lutamos, ocupamos o tempo com coisas insignificantes... Temos de caminhar pela rua calmamente, apreciar o tempo, as pessoas, a natureza e tudo o que nos rodeia, de uma forma descontraída e sem complicações, para nos sentirmos fortes e com garra.

Afinal, para que serve a correria do dia-a-dia, se não paramos para valorizar as coisas, as pessoas e o tempo?

Da vida levamos o carinho, os abraços dos filhos, as conversas com a família, as boas gargalhadas e os copos com os amigos. Quero rir, beber, conversar e ser feliz. Apenas isso faz sentido, viver, amar e ser amado.

Amanhã será um novo dia, espero acordar e ver o sol a raiar, ouvir os pássaros a cantar e a esvoaçar pelas árvores, sentir o perfume das flores com um aroma tão agradável que se sente logo por toda a casa.

É lindo ver o sol nascer e sempre que posso aprecio esse momento. Surgem os primeiros raios na linha do horizonte e de repente toda a terra fica iluminada, o calor entra pelas janelas da casa, junto com o perfume das flores e o cantar dos pássaros.

Quando me levanto gosto de ouvir os pássaros a cantar, por vezes uma melodia baixa e meia triste. De repente o sol aparece, as flores abrem para libertar o seu agradável perfume, a melodia dos pássaros muda e tudo fica diferente.

Acordar, ver os raios do sol e sentir o perfume das flores, são sensações que nem todos conseguem ter, porque não se deixam envolver nem apreciam as coisas boas que a vida nos dá.

Preciso de caminhar pela rua, de falar com as pessoas, com os animais, com as plantas, ou até mesmo sozinha. Preciso de falar, falar faz-me descontrair, exprimir as minhas emoções.

Daqui a uns anos, quando já não tiver forças para caminhar pela rua, passarei os meus dias numa cadeira junto a uma janela para poder ouvir os pássaros, escutar as suas lindas melodias e contar-lhes a minha história. Quero ver a beleza do sol nascer, apreciar o seu brilho a iluminar a terra, sentir todas as manhãs o aroma das flores e escutar o cantar dos pássaros. Quero ver o mundo a girar e estar aqui apenas a observar.

Não faças planos, a vida é curta, as horas passam a correr, não tens tempo para pensar.
Vive, sorri, aproveita a vida, o dia começa cedo, também cedo vai terminar.

Não te chateies, não te irrites, não desanimes, segue o teu caminho, as tuas ideias e deixa o tempo correr.

Hoje estás triste, amanhã vais dar gargalhadas fortes e bem alto, o som vai ecoar longe, todos vão sentir e ouvir a tua alegria.
Sê feliz, vive a vida, cada dia é uma vitória, cada dia uma alegria.

Mas afinal para que servem os planos? Os projetos? Os sonhos?

Vale a pena?
As caminhadas matinais, as caminhadas noturnas, as conversas com os pássaros, foi tempo perdido?

Estou para aqui a contar a minha história, mas a quem é que isto interessa? Se todos contarem a sua história, isto será o quê? As historinhas do mundo? Não...

Isto são provas de vida, acontecimentos reais, emoções sentidas, projetos traçados e concluídos, porque assim é feita a história, porque assim se fazem os homens, porque assim gira o mundo.

Quero que no futuro saibam como eram passados os dias, como eram os tempos, como aconteciam as coisas, para

se poder continuar a história, para o ciclo não se fechar e poder haver sempre mais e mais histórias, todas diferentes e todas iguais.

Quando começares um projeto, mesmo que sintas que nunca o conseguirás terminar, não pares de o aperfeiçoar e verás que o teu esboço um dia será uma grande obra.

Não pares o percurso, perto ou longe, de dia ou de noite o rumo aparece. Como diz o ditado, a vida são dois dias, hoje está a terminar, aproveitem o resto que falta, é pouco, mas pode ser vivido de forma diferente.

O fim está próximo e do futuro pouco ou nada sabemos.

A cadeira já está velha, as rodas mal deslizam, os braços também não ajudam, caso contrário seria capaz de correr por todas estas ruas, presenciar todos estes momentos, sentir o calor humano enquanto fazia a minha caminhada, mas... a cadeira, a cadeira não deixa, é velha.

Afinal, estas quatro paredes onde me encontram, onde nada se vê, onde nada se ouve, onde nada se passa, servem para imaginar os pássaros, as flores, o sol... Enfim, quatro paredes brancas e uma porta trancada é tudo o que tenho, mas onde tudo acontece. Para isso, basta sonhar.

Não sejam como o galo. A rua não é toda vossa. E, antes de saírem de casa, levem sempre um biscoito no bolso. Nunca sabemos quem pode precisar de um mimo numa caminhada matinal, ou será na caminhada da vida?

Onde te perdi?

Carla Oliveira

Onde perdi?

Não sei onde.

A sério.

Já tentei mil vezes perceber.

Voltar atrás.

Voltar atrás...

Mas atrás de quê?

Às vezes penso que foi ontem.

Outras vezes, parece que foi noutra vida.

Mas continuo sem saber.

Olho para trás.

Procuro um sinal.

Uma rutura.

Um instante, uma pista sobre a mudança.

– Mas não vejo nada.

– Não houve gritos.

– Não houve adeus.

– Só silêncio.

Como uma janela que alguém fechou lentamente.

Sem barulho.

Só o ar a mudar.

Procuro.

Como quem procura um objeto esquecido num banco de autocarro.

Algo que era meu... mas que já não encontro.

Onde deixei?
Ou será que me deixaram?

Se calhar fomos as duas.
Fomos deixando, sem perceber.
Como duas marés que, de repente, deixam de ter espaço para
se encontrar.

Procuro-te na vida.
Porque foi aí que te encontrei...
e foi aí que te perdi.

Nos dias que nos engoliram.
Nos cafés que ficaram por tomar.
Nas mensagens que deixaram de chegar.

Nos aniversários lembrados fora da data...
Ou naqueles que agora jazem esquecidos.

Percorro caminhos.
Curvas.
Desvios.

Volto aos lugares onde existíamos.
E fico à espera.

Como quem espera um comboio que já partiu e não
deixou aviso.
Mas tu...
Tu já não estás.

E ainda assim...
não sei onde perdi.

Talvez tenha sido aos poucos.
Como uma planta esquecida no canto da sala.
Vai ficando ali.
Quietinha.
Até um dia acordar sem folhas, sem vida.

Ou talvez tenha sido como areia que escapa entre os dedos.
Está ali.
Mas não conseguimos segurar.

Ou como um fio.
Um fio quase invisível.
Que se solta devagar de uma camisola antiga.
Um ponto.
Depois outro.
E ninguém nota.

Até deixar de ser inteira.

Se calhar perdemo-nos assim.
Com delicadeza.
Com distração.
Com tempo a mais.
Ou tempo a menos.
(Às vezes nem é sobre o tempo...)

O que encontrei foi isto.
Este lugar onde ainda estás, mesmo sem a tua presença.
Este vazio com a tua forma.

Ficaram as palavras em mim.

Como ecos em corredores vazios.
Já não gritam.
Sem a fonte... só fica a reverberação.
Repetem-se, às vezes baixinho,
quando o dia abranda,
ou quando algo, por momentos, recorda-me que a visão que
tenho, não é só minha.

São restos de voz no pensamento.
Pequenos regressos.
Que não pedem licença.
E não precisam.

**Perdi-te na minha vida.
Mas não de mim.**

Enquanto procurava por onde te perdi...
Descobri onde te encontrei.
No meu coração.
No sótão da memória.
Na voz que narra a nossa história.

Foste minha.
E eu fui tua.
Como irmãs inventadas.
Daquelas que se escolhem, sem sangue, mas com
tudo o resto.

Adoro-te.
Mas não sei onde te perdi.

(Pausa longa)

Não te quero encontrar.
Não quero.

Porque se te encontrar agora...
não és quem procurei.
Já nem eu sou quem te queria encontrar.

O que havia entre nós...
foi-se como letras rabiscadas num caderno antigo.
Ainda lá estão.
Mas já não se leem bem.

Quero esquecer.
Ou fingir que esqueço.
Porque lembrar é como tocar numa ferida que já não sangra...
mas ainda arde.

As alegrias
vividas.
As gargalhadas
divididas
As tardes
preguiçosas.

As noites
prolongadas

Tudo isso ficou.
Mas tudo isso...
dói.

Vou amarrotar papéis.
Apagar fotografias.
Abanar a árvore da memória,
Com tanta força...
Que pode ser que caias...

Como folhas secas de outono.

Perdi-te.

Sim.
Perdi-te, mas também sei
que ganhei.

A tua presença ensinou-me quem eu era contigo.
E a tua ausência ensinou-me quem eu sou sem ti.
E isso...
... também é amor.

Hoje já não te procuro.
Não por tristeza.
Só sinto gratidão.

Porque foste.
Foste tanto.
E mesmo não estando...
deixaste-me mais inteira.

Foste a irmã que inventei —

e talvez por isso tenha doído tanto.
Porque as irmãs de sangue perdem-se menos.
Mas as que inventamos...
levam partes de nós que nem sabíamos que ali estavam.

Foste isso.
Um espelho que não sabia que precisava.
Um abrigo.
Uma certeza.

E mesmo agora,
quando já não te ouço,
quando o telefone já não toca,
quando não sei o que estás a fazer,
há momentos onde ainda sinto a tua presença...

Não com saudade.
Mas como presença transformada.

Estás nas escolhas que faço
com mais coragem.
Nas palavras que hoje digo sem pedir desculpa.
Na forma como cuido de mim, para mim.

A tua ausência ensinou-me isso:
que é possível continuar.
Com amor.
Com perda.
Com memória.

Tu foste.
E ficaste.
Em simultâneo.

E talvez seja assim quando se ama verdadeiramente.
Nunca parte tudo.
Nunca.

Perdi-te..., mas encontrei-me no caminho.

[Never Split the Difference]

Diogo Sottomayor

Eu nasci em 1989. No mês de Agosto. Quando nasci Agosto ainda tinha letra maiúscula. E foi no quarto dia desse mês, uma sexta-feira.

Nasci na fronteira do fim de semana. Quando nasci, tive esse bónus, logo dois dias de folga.

A rua onde vivi é esta. A Rua Santos Pousada, no número 762, Rés do Chão Direito. Quando olham para o prédio, vão ver umas portas com frisos negros e vidros opacos. Mas, para mim, essas portas eram douradas, com vidro transparente.

Esta rua mudou. Esta rua tinha os Estúdios Rangel por baixo do meu prédio. Porque apesar de ser um rés do chão, e de estar alinhado com a rua na parte frontal, para trás, existiam umas escadas que davam acesso a uma cave. Frontalmente estou no rés do chão. Pelas traseiras sou um rés do chão suspenso.

Esta rua mudou. O café onde comia torrada em pão de forma com uma meia de leite é agora uma lavandaria. Mas o sítio que vendia motas ainda as tem. De frente para mim, à porta de casa, a dourada e não a de frisos negros, tinha uma loja da Nokia. Um evento. Desde que essa loja se instalou ali, trânsito sem fim. Nunca percebi. Mas passei uma infância inteira a acreditar que ou os telefones eram muito maus, ou aquilo tinha reuniões anónimas sob a capa da loja azul da Nokia.

Acima de mim, na rua professor Bento de Jesus Caraça, dá para ver, lá ao fundo, uns prédios que tal como o meu rés do chão, estão elevados. Uma espécie de túnel. Os vidros são espelhados. A minha mãe dizia-me que esse prédio tinha

vidros à prova de bala. Nunca a questioneei sobre isso. Tomei como verdade até ter idade para perceber que, talvez, sejam apenas vidros espelhados. Porém, hoje, ao escrever sobre ela, descubro que a rua tem o nome de alguém que tem Jesus no nome. A minha mãe é Maria Gabelina Jesus Pinto... talvez a família Jesus tivesse informação privilegiada sobre o tema.

Desses prédios à prova de bala, o parque desportivo Alameda Eça de Queirós. Que vai ter à confeitaria Eça. Esta não fechou. E era aqui que lanchava com a minha avó. E foi aqui que passei a maior parte do tempo da minha fase dos porquês.

Porque é que o céu é azul?

Porque é que o sabonete acaba quando o usamos?

Porque é que as folhas são brancas se as árvores são castanhas?

Porque é que vimos sempre ao mesmo sítio?

Porque é que não vemos o ar?

Porque é que as pessoas dizem bom dia mesmo quando não nos conhecem?

Porquê?

Porquê?

Porquê?

Hoje os porquês são outros.

Num certo antes um shopping era projetado em 1970 e era inaugurado em 1996. Hoje as coisas são mais rápidas. O mítico central shopping tinha seis salas de cinema. E foi aqui, nestas salas, onde vi o primeiro filme da minha vida: o Rei Leão.

Ainda hoje não gosto de ver a cena da morte do Mufasa e ainda hoje sei de cor a letra da música do Scar e ainda hoje, quando ouço a voz do Rogério Samora ainda sinto que é o Scar a falar.

Eu nasci em 1989. Fui embora desta rua em 2002.

Fui embora em 2002 e prometi voltar.

Desculpa, Santos Pousada. Voltei tarde, em 2017. E não voltei para ti. Troquei as torradas pela Snopão, que tem um

logo roubado e ninguém parece importado. Ganhei umas quantas lojas de antiguidades. Fiquei mais perto de Miguel Bombarda... mas ainda hoje penso: qual era o encanto da Nokia? Que loja era aquela e porque tantas pessoas queriam lá ir?

Porém, tu sabes que passo por ti sempre que posso. Fujo da VCI e venho por aqui. A casa da minha avó era aqui. E, pasme-se, a Igreja de São Crispim que fica nessa rua... tem o meu padrinho. Os meus pais não se decidiam sobre quem seria o meu padrinho e optaram por um santo. Fazendo bem as contas, não ganhei nem perdi. Fiquei com uma história para contar.

Nesta mesma rua, ao fundo, existia o café Pousada. Alegadamente, um dos melhores cafés, segundo a minha mãe. Ela é uma mulher de lendas. Ao lado um stand automóvel e ao lado a minha escola primária e o meu infantário. A escola agora é amarela, mas no meu tempo era verde. Parece que com o tempo as coisas mudam de cor. O meu cabelo também, as brancas começaram a surgir aos 16 anos. Talvez o meu cabelo quisesse apaziguar a saudade que tinha desta rua e optou por mudar de cor. Tal como a porta da minha casa e a minha escola primária.

Em 2007 ainda voltava a ti de quando em vez. Quando fugi da minha escola secundária e vim estudar para o Alexandre Herculano. Na altura ainda tinha piscina, aliás, em rigor, um tanque, bom, era uma superfície com água.

Em 2010 também voltei a ti.

Hoje, quando aqui regresso, sinto-me em casa. Mas a casa já não é minha. Por vezes tenho vontade de pedir à pessoa que lá mora para me deixar ver a casa. O meu quarto tinha as paredes todas riscadas. Engraçado, não é? Hoje sou um artista que mistura palavras com imagem. Quando tinha seis anos misturava lápis de cera com estuque da parede.

Quando morava aqui recordo-me de pensar que Nova Iorque era uma invenção. O Pai Natal e a fada dos dentes eram reais para mim. O meu mundo era esta rua. A rua que tinha tudo o que precisava.

Os autocarros tinham senhas em blocos com cores. Nunca percebi porque as cores eram distintas. Se calhar fartavam-se da cor que tinham. Esta rua parece ter uma relação atribulada com as cores.

Foi nesta rua onde caí da bicicleta e mais tarde de trotinete. Foi nesta rua que cresci.

Jurei que voltava. Voltei. E hoje trouxe-te comigo.

E hoje também tu sabes a lenda: no topo da rua, mesmo no topo, vais ver um prédio suspenso com vidros espelhados. Lembra-te, eles são à prova de bala.

Fado

Emanuel Rocha

(Homem sentado no centro do palco com um foco apenas a apontar para ele. Roupa desarranjada, cabelo despenteado e ar muito abalado. Tem com ele uma arma de pequeno porte, que não está visível, e uma pequena moldura com a foto de uma mulher. A música inicia e ele olha contemplativo a moldura durante algum tempo. Antes de falar, pausa-a cuidadosamente. Acompanhado de música instrumental de tom melancólico e triste.)

– Não justifica... mas a infância não foi fácil. A violência esteve sempre presente. Fosse por imitação ou encorajamento, batia no gato quando ainda mal sabia falar... e os adultos? Riam-se... como se fosse normal...

Será tão difícil para os adultos perceberem que as crianças são apenas um reflexo?

O problema é que os pensamentos e comportamentos violentos não melhoraram. Antes dos dez anos eram incontáveis as vezes que vira o cinto paterno aplicar as sentenças, deixando marcada no corpo a culpa... por um olhar diferente... por respirar...

Não tinha lar. Vivia em constante medo e esse ambiente e todas as punições que sofria só aumentavam o ódio.

Seriam os outros mais que eu para não merecerem também uma vida miserável como a minha? E a minha mãe? Não era capaz de perceber porque mantinha o casamento quando não conseguia tirar os olhos do chão... quando já tinha perdido qualquer amor que alguma vez a sua vida tivera. Mas no fundo sabia que já não tinha forças...

Tudo isto revoltou-me, sobretudo aqueles que viviam vidas perfeitas... revoltou-me a sociedade que deixava uma criança sofrer... e por isso, a violência passou a ser o normal na minha vida...

Tomei decisões erradas e segui maus caminhos. Já adolescente fui retirado aos meus pais. A minha mãe chorava, mas as lágrimas haviam secado há muito. O meu pai... cego pelo álcool, provavelmente demorou umas semanas a notar a ausência.

Passei o resto da adolescência a saltar entre casas de acolhimento, casas de consumo e casas de mulheres mais velhas, que suportavam os meus vícios em troca de algum calor. O pouco que tinha gastava em drogas e mais decisões erradas. Procurava felicidade instantânea que deixasse entorpecido o pensamento e deixasse, por momentos, passar mais um dia... um de cada vez.

Aos dezoito, na rua, estava perdido e sem futuro. Pior, o meu futuro já estava decidido... acabar morto, encontrado esburacado, pelas agulhas, ou pelas balas num qualquer canto porco e sujo...

A vida caminhava para aí...

(Enquanto a música não termina o tempo fica suspenso, como se parasse de respirar. Quando termina, diz a fala seguinte e depois o palco fica mais iluminado. O homem pega na moldura e levanta-se, ganhando uma nova energia. Inicia a música seguinte. Acompanhado de música instrumental num tom esperançoso.)

... até que a encontrei...

Vivia na rua, tinha vinte e cinco anos e aspeto do dobro... não tinha teto, nem amor. Aliás, nunca tinha tido amor. Mas isso não a afastou. Estendeu-me a mão e ajudou-me a superar todos os vícios, iluminou todos os cantos escuros que poluíam a minha mente e não me deixavam ser feliz.

Com ela, acordava sem medo. Sem a incerteza de não conseguir sobreviver mais um dia.
Com ela, descobri o amor e descobri que afinal podia ser feliz.
Com ela, construí um lar e fiz planos para o futuro. Sonhamos com o final feliz.

Com ela, amei e fui amado...

Não foi sempre fácil. Nem sempre a luz dela era suficiente para iluminar toda a escuridão e sombras da vida. E eu era a Lua e ela o Sol. Por mais que ela brilhasse, alguma parte de mim estava sempre imersa na escuridão...
Mas com a ajuda dela consegui, a cada dia, esquecer essas marcas do passado e não ter medo de amar.

Chorei sozinho. Chorei acompanhado. Fiquei limpo, uma página em branco para escrever uma nova história. Desperdiçara uma vida e ela deu-me outra. Agarrei-me a esta... esforcei-me por fazê-la feliz... sabia o quão difícil era viver sem amor e fiz de tudo para a amar...

Amei e fui amado...

(Olha a moldura que carregava, contemplativo a lembrar o passado. Após o término da música, as luzes voltam a baixar e volta à posição inicial.)

Mas não durou muito...

Os dias passaram, as discussões aumentaram e ficaram mais intensas. Aos poucos as sombras apoderaram-se da minha vida. Voltei a ser o homem que julgara já ter enterrado. Quando lhe levantava a mão lembrava-me do puto de três anos a bater no gato, no puto de dez anos a bater na professora, no puto de vinte anos a esfaquear por droga...

Lembrava-me do meu pai a espancar-me e a espancar a minha mãe...

Lembrava-me do peso que carreguei enquanto partilhámos o mesmo teto. Como sentia tanta pressão que era incapaz de respirar... Nada do que fazia estava certo... Nada do

que alguém fazia tinha valor se não viesse dele... vivia acorrentado de ideias e palavras, na sombra do que podia ser, com medo de viver.

Não foi um bom pai, mas não o quero culpar. Tive oportunidade de ser um homem diferente, mas...

Naquele dia, a mão levantou. E quando parou. O futuro jamais seria o mesmo.

Não fui capaz de aproveitar a oportunidade. Quis ser um homem novo, diferente do meu pai, mas não consegui escapar da herança que recebi.

Agora que penso nisso, sempre vivi com ela uma realidade que me parecia sonhada. Nunca seria digno de todo o amor que recebia e, por isso, nunca o aceitei completamente.

Quando nasceu o nosso pequeno, quase fui vencido pela luz, embriagado de felicidade. Por momentos senti que as sombras seriam iluminadas para sempre, mas estava enganado. Rapidamente fui engolido pela dúvida e pelo medo. Não me sentia capaz de ser exemplo e protetor de um ser tão frágil e inocente... Eu que não fora capaz de o fazer sozinho e guiar a minha própria vida...

Não tinha nada para dar. Tudo voltou a ser sombra... e dúvida... e medo... e escuridão...

Os anos foram passando e fui-me tornando no monstro que sempre odiei e desprezei.

Olhava-me ao espelho.

E via.

A cara dele. Do meu pai.

A distância entre nós foi aumentando. Ela tinha a força que a minha mãe não tinha e decidiu quebrar a ligação do nosso filho com esta herança maldita que até hoje me persegue. Teve a coragem de me deixar para trás e salvar o nosso filho... para sempre recordação viva do nosso amor.

Quanta dor, agora, pensar que, por breves instantes, eu... eu me julguei capaz de fugir ao destino.

Um dia acordei e encontrei apenas vazio e sombras... tinha perdido o farol que guiava e iluminava a vida.
Apagara-se a luz da vida.

Agora...

(Pausa. Um grito — cru, irreversível, final.)

Ahhhhhhhh...

Agora...

... ficou tudo escuro novamente...

*(Faz uma pausa mais prolongada. Deixa um silêncio de morte estender-se a toda a sala antes da sua última fala.
Pega na arma, aponta-a à cabeça.)*

Adeus.

(Som de tiro e as luzes apagam-se simultaneamente.)

Desabafo sobre Astrologia

Jonas Rocha

Sempre achei que havia algo de mágico no facto de o universo poder ter uma opinião sobre quem eu sou. Lembro-me de, em pequeno, pedir à minha mãe para ler em voz alta os horóscopos dos sites de notícias. “Mãe, lê o de Escorpião!” — e ela recitava aquelas previsões vagas como se fossem profecias sagradas. “Esta semana, um encontro inesperado pode mudar tudo...” E eu, sério, acenava com a cabeça, como se aquelas palavras tivessem a chave para desvendar os segredos do meu destino infantil. Não importava que, na prática, “um encontro inesperado” pudesse significar desde tropeçar no gato até receber um convite para uma festa de aniversário de última hora. O que importava era a sensação de que, lá muito longe, as estrelas estavam a sussurrar algo sobre mim. Que eu, nascido em novembro, sob o signo daquele escorpião enigmático e intenso, tinha um lugar no cosmos, que por sua vez, tinha um plano para mim.

Anos depois, o fascínio não só ficou, como cresceu. Descobri que não era só o Sol que contava, mas também a Lua, os planetas, as casas astrológicas, etc. Um mapa inteiro escrito em símbolos celestes. E, de repente, fazia todo o sentido que eu, que sempre adorei desvendar segredos, fosse de Escorpião. Ou seria o contrário? Que eu, por ser de Escorpião, fosse assim? E é por isso que, até hoje, devoro tudo o que fala de personalidade. MBTI, astrologia, aqueles quizzes de “*Que tipo de pão você seria?*”. Não porque ache que uma sigla ou um signo me definam por completo, mas porque há uma beleza inegável em tentar encontrar linguagens para o que somos. E se o universo quiser colaborar nessa busca, quem sou eu para recusar a ajuda?

O Sol em Escorpião já é, por si só, toda uma intensidade, tenho uma necessidade de mergulhar fundo em tudo: sentimentos, ideias, *hobbies*. Se eu me dedico a algo nunca é a meio termo, mergulho de corpo e alma. Agora, imagina que, por dentro, há uma Lua em Gémeos a saltitar. Resultado? Uma necessidade constante de me expressar, de brincar com ideias, de flutuar entre diferentes interesses como se a vida fosse um *buffet* de experiências. E as emoções? Podem ir de “o mundo é incrível” a “tudo não faz sentido” no espaço de uma mensagem de texto. Felizmente, o Ascendente em Capricórnio segura um pouco essa loucura. Por fora, pareço controlado, talvez até um pouco sério demais. No fundo, o meu mapa astral é uma reunião de energias que, teoricamente, não deviam funcionar juntas, mas, de alguma forma, criam um equilíbrio estranhamente funcional. Capricórnio dá estabilidade, Escorpião dá intensidade e Gémeos mantém tudo leve (ou pelo menos tenta). No meio disso tudo, há uma pessoa que oscila entre querer conquistar o mundo e só querer deitar-se no sofá a ver *TikTok*.

Eu sei que isto tudo está a soar meio vago, tipo aquelas descrições genéricas dos horóscopos do Instagram que toda a gente já viu. Isto é mesmo só um esboço muito simplificado, porque, honestamente, não me apetece entrar aqui em muitos detalhes. Mas, juro que não há nada como uma leitura aprofundada de um mapa astral. No início pode parecer assoberbante, porque é mesmo muita informação ao mesmo tempo (símbolos, signos, ângulos, nomes esquisitos), mas é uma experiência bastante divertida.

E sim, eu sei. Mal se começa a falar de astrologia, há sempre aquele pensamento que salta à frente de tudo: “Mas Escorpião dá-se bem com quem?” Ou pior: “Será que o meu *crush* de Touro me vai arruinar emocionalmente ou temos futuro?” Não vos julgo. É quase instintivo. A pessoa ouve “mapa astral” e já está a fazer contas de cabeça à posição de Marte da ex, à Vénus daquele *date* que nunca respondeu, ou à compatibilidade astrológica com o barista do café que sorriu duas vezes seguidas. Eu peço-vos por favor: foquem-se em vocês primeiro. Porque antes de perguntarem se alguém vos

entende, convém perceberem se vocês próprios se entendem. Por isso, sim: investiguem, explorem e brinquem com os signos, mas façam-no por vocês.

Agora, para os mais céticos, para mim a astrologia não é um guia rígido, mas sim uma forma poética de falar sobre a alma. O desafio não é seguir um guião cósmico, mas orquestrar todas essas vozes. Talvez a verdadeira magia da astrologia não esteja na ideia de que os planetas nos controlam, mas sim na forma como o céu reflete ou relembra o que já carregamos dentro de nós. O valor da astrologia não está em nos encaixarmos à força numa descrição, mas no ato de questionar: *“Isto ressoa comigo? Porquê? E o que é que isso me diz sobre quem eu realmente sou?”*. Percebo quem rejeite a astrologia porque não se vê refletido nela, mas isso, por si só, já é um exercício de autoconhecimento. Então a astrologia cumpriu o seu papel, porque um mapa não é um retrato obrigatório, é um convite a perguntar: *“Se não sou isto, então o que sou?”*.

A magia está no espaço que a astrologia cria para reflexão. Ela não nos diz quem somos; ela amplifica o que já suspeitávamos ou desafia o que demos como garantido. E é isso que a torna valiosa, mesmo para quem não acredita. Porque no fundo, não se trata de procurar respostas no céu, mas de usar o céu como desculpa para olhar para dentro. Como diria o meu Escorpião: *“Toda a análise é bem-vinda.”* E o meu Gémeos acrescentaria: *“E se for divertida no processo, melhor ainda.”*

Deixem-me só acrescentar isto aqui: pensar sobre quem somos devia ser tão básico como respirar mas, olhem só, a maioria das pessoas prefere viver no piloto automático. *“Ah, és de Escorpião? Isso é tudo treta.”* Adoro a ironia daqueles que criticam a astrologia como puro escapismo, mas depois vivem a repetir, sem qualquer espírito crítico, normas que nem sequer sabem de onde vieram. *“Isso é coisa de gente desocupada”*, dizem, enquanto se ocupam a desempenhar papéis que nunca escolheram, a correr atrás de metas que nunca questionaram, a enterrar emoções que nunca ousaram nomear.

Nós? Nós pelo menos admitimos que estamos a tentar decifrar um mapa. Eles? Aham que nem sequer precisam de bússola.

No fim, a verdadeira piada cósmica é esta: os que se riem de nós por acreditarmos em planetas são os que menos se questionam sobre as forças invisíveis que *realmente* moldam as suas vidas. Pelo menos nós sabemos que estamos a ser influenciados. E é por isso que, quando falamos de astrologia, bruxaria, de *tarot* ou de qualquer outra coisa mística estamos a falar de algo que é profundamente feminino e *queer*. O ato de nos conectarmos com o cosmos, com a natureza ou energias invisíveis que nos cercam, acaba por ser um convite para desmontar a rigidez do mundo material, para abraçar a fluidez do que não se vê, mas se sente. E quem mais do que as LGBT e as *girlies* para apropriar dessa energia?

No meio disto tudo, há um detalhe que ainda não contei. Este texto nasceu de um jogo. Num grupo, cada pessoa escreveu duas palavras num papel para depois se sortear ao acaso. E foi assim que me calhou: **Identidade e Cosmos**. Podia ter saído qualquer coisa, mas foi isso. E eu ri-me. Porque não me pareceu aleatório. Parece-me, aliás, o tipo de piada que o universo gosta de fazer quando quer chamar à atenção.

O Escorpião em mim diz que não há coincidências. Gémeos adora quando o acaso parece ter sentido. E Capricórnio? Só quer organizar tudo isso em algo. Por isso escrevi este texto. Porque, se o universo me deixou estas palavras no colo, o mínimo que posso fazer é não as ignorar.

Como se faz uma cadeira?

Miguel Valido

Na cena está uma cadeira. O ator entra e senta-se.

Os programas que mostram como são feitas as coisas fascinam-me. Sou o único? Não devo ser, senão não existiriam programas desses. Não sei se é natural, mas adoro saber de onde as coisas vêm, pensar nos processos que trouxeram até aqui tudo o que estamos a ver neste momento.

Talvez goste de conhecer os processos de criação porque eu próprio gosto de criar – preciso de criar – e talvez faça tudo parte da mesma compulsão.
Faz parte de ser humano, acho eu...

E por isso, quando vejo uma cadeira, imagino as mãos que cortaram a madeira,
o cheiro da serradura,
o som dos pregos a serem cravados.
Penso na árvore que foi derrubada,
no tempo que levou a crescer,
na primeira pessoa que pensou: “E se, em vez de nos sentarmos no chão ou num tronco, fizermos isto?”

Mas não, não é só isso, porque não consigo ficar por aí, pelo que foi feito por mãos humanas.

Porque, quando olho para a árvore, também penso na semente que lhe deu origem.
Minúscula em comparação!

E perco-me nos processos dentro das células da árvore
que a fizeram crescer,
transformando ar e água
em madeira, folhas e flores, num corpo perfeitamente
ordenado e funcional.

E comparo o corpo da árvore ao meu corpo, que tem os seus
próprios processos internos,
e vejo tudo o que a árvore e eu temos de diferente e tudo o
que temos em comum.

Metade dos meus genes são partilhados com ela e apesar
disso levamos vidas muito distintas.

Há mil e quinhentos milhões de anos, duas células irmãs
começaram a comportar-se de maneira diferente; uma é
antepassada dela, a outra é minha.

As nossas diferenças começaram aí.

Suspiro de satisfação.

Pausa. A satisfação esvai-se.

Será obsessão? Esta fome insaciável de começo?...

Por exemplo, chateia-me não saber quando comecei a
escrever este monólogo...

Quando carreguei na primeira tecla? Ou quando abri o
documento? Ou quando liguei o computador? Ou tudo
começou quando o monólogo foi pedido? Ou ainda antes
disso, já tinha a semente dele em mim sem o saber. E ainda
não sei. E isso chateia-me.

Porque eu tendo a ir à procura da origem de tudo.

Porque não chega saber como se faz uma cadeira.

Porque não chega saber de onde veio a árvore.

Porque se a árvore veio da terra, e a terra veio do cosmos,
então onde é que o cosmos começou?

O abismo da origem absoluta...

Às vezes, imagino que estou sentado à beira do tempo, a
assistir ao instante em que tudo começou.

O momento em que a matéria explodiu do nada e

se tornou o universo. O Big Bang.
Mas e antes disso? Havia o quê? Um vazio? Ou só silêncio?
E se, em vez do Big Bang, for mais como os mitos dizem?
O ovo cósmico, o deus que molda o mundo com as mãos, o
canto primordial que tece a existência a partir do som. Há
tantas versões, tantas tentativas de explicar o inexplicável.
Talvez os mitos sejam só formas poéticas de lidar com a
mesma angústia que eu sinto: a incapacidade de aceitar que
o início é, por definição, inatingível.

Mas eu insisto. Vou lendo sobre física quântica, sobre
partículas que surgem e desaparecem do nada, sobre o tempo
que talvez nem exista como o imaginamos. Leio sobre deuses
que criam o mundo a partir do caos, sobre gigantes cujo
corpo se torna a terra, sobre palavras que convocam a luz.
E, no meio disso tudo, fico a pensar: e se nunca houver uma
resposta definitiva?

E se o início estiver sempre a escapar-se, a recuar, como se o
próprio universo estivesse a brincar às escondidas connosco?
Mas eu não consigo parar de procurar.

Porque se deixarmos de querer saber de onde as coisas vêm
— de onde nós viemos —, o que é que nos resta?

Talvez esta obsessão pela origem não seja só sobre as coisas,
mas sobre mim. Sobre não querer sentir que existo ao acaso.
Se eu conseguir encontrar o ponto zero, o instante em
que tudo começou, talvez consiga perceber porque é
que estou aqui.

Porque é que estamos todos.

Talvez não seja obsessão.

Talvez seja só a esperança de que, lá no fundo, há um sentido
para isto tudo.

Pausa, olha para a plateia.

E agora outro problema. O irmão do início, o fim. Quando é
que isto acaba? Quando parar de falar.

Testa.

Não foi. Quando se apagar a luz?

A luz apaga.

Parece que não.

Então é isso. Também não há bem um fim. Daqui em diante estamos todos de mãos dadas a segurar este fardo que vos trouxe. Quem sabe, um dia, até não escrevem uma peça sobre isso.

Alter ego

Pedro Rocha

[PLANO INICIAL: CLOSE-UP DO ROSTO DO ORADOR, ILUMINADO POR UMA LUZ SUAVE.]

A luz desenha sombras delicadas nos contornos do rosto. A expressão é calma, mas carregada de subtexto.

[LUZES BAIXAS. UMA LUZ SUAVE ILUMINA O ROSTO DO ORADOR. PAUSA.]

Está escuro no meu quarto.
Nem vento. Nem chuva.
Nada.
Mas...

Pausa curta.

Ouçó um sussurro.

Voz mais baixa, quase como se estivesse a confidenciar.

[PLANO MÉDIO: A SOMBRA ESCORRE PELAS PAREDES, COMO UM ECO DA FRAGMENTAÇÃO DO MOMENTO.]

“E na noite do luar,
Fico a imaginar-te desnuda...
E eu... fico a interpretar gemidos.”

[PLANO FECHADO: OS OLHOS DO PROTAGONISTA ARREGALAM-SE. UM RUÍDO AO LONGE — OU TALVEZ DENTRO DE SUA PRÓPRIA MENTE — INTERROMPE O SILÊNCIO.]

A respiração fica mais pesada.

[PLANO DETALHE: GOTAS DE SUOR DESLIZAM PELA TESTA.]

*Uma voz, indistinta, quase etérea, murmura algo
incompreensível. A figura da sombra ganha um contorno mais
definido, mas ainda... incerto.*

Pausa. Um silêncio tenso.

Acordo sobressaltado.
Com este poema... abrupto.

Leve riso nervoso.

Nem sei se o ouvi... ou sonhei.
Estou a arfar.

[PLANO MÉDIO.]

Acendo o candeeiro.

Olha à volta, como se estivesse mesmo no quarto.

Nada.
Volto a deitar-me...
Devagar.

Pausa dramática.

E assim que pouso a cabeça na almofada... ouço:

[PERSPECTIVA FECHADA.]

*O som é quase impercetível, mas invade-me. Uma voz, rouca,
carregada de mistério. É como se viesse de dentro, mas não
pertencesse a mim.*

“Dou por mim a ser um estranho
Que ama. Que morre.
Que tem o mundo... aos seus pés.”

As palavras ecoam.
Vejo flashbacks.
Figuras... como sombras numa tela branca.
E ainda... ainda não adormeci.
Suspiro.
Viro-me para um lado.
Viro-me para o outro.

“Sou eu.”
Ouço.

Pausa. Olhar perdido.

[CÂMARA EM CLOSE-UP DO ROSTO. OLHOS ABERTOS,
FIXOS NO TETO.]
[ZOOM LENTO PARA O OLHAR.]

A minha respiração desacelera.
Mas... não entendo.
Como é que esse estranho...
Sem corpo.
Sem forma.
... pode ser eu?

Começo a pensar.
É um eufemismo?
Uma metáfora?
Ou um espelho?

Pausa.

Um espelho partido.
Adormeço.

[LUZES AZULADAS, COMO SE O SONHO TOMASSE
CONTA DO PALCO.]
[O SOM LENTO DE UM PIANO ECOA, COMO SE VIESSE DE LONGE.]

O sonho transforma-se num movimento contínuo. Um corredor emerge, feito de sombras e luzes pulsantes, como se o próprio tempo estivesse em suspensão.

Caminho lentamente. Os meus passos
não fazem som.

[LUZ PULSANTE AUMENTA, QUASE OFUSCANTE.]

Tudo está escuro.
Mas há... algo.
Uma presença.

Uma personagem...
Aparece à minha frente.
Envolvida numa névoa de luz.
Um vulto.
Mas com um detalhe...
Tão único, que me assusta.

Voz mais baixa, quase sussurrada.

Vejo os meus olhos nele.
Os meus.
Olhos...
Preenchidos de desilusões.
De uma vida...
Alienada. Frágil.

Pausa longa. Olhar vazio.

Choro.

[UM GRITO DISTANTE. O SOM ECOA COMO UM LAMENTO
PERDIDO NO VENTO. A CÂMARA APROXIMA-SE LENTAMENTE DO
ROSTO DO PERSONAGEM.]

[OS OLHOS DO PERSONAGEM ENCHEM-SE DE LÁGRIMAS. UM
ÚLTIMO PISCAR ANTES QUE UMA ÚNICA LÁGRIMA ESCORRA.]
[PLANO DETALHE DA LÁGRIMA A CAIR. O SOM É AMPLIFICADO,
COMO UMA GOTA NUM VASTO OCEANO.]

Na realidade...
Também choro.
Aquela voz...

É um espelho.
Um reflexo de tudo o que tentei ser.
De tudo o que quis alcançar.

Daquilo que só os deuses possuem:
A... imortalidade.

Pausa. Respira fundo.

Mas sou só humano.
Com sonhos.
Com medos.
Com o quarto escuro...
E a mente cheia de ecos.

[LUZES DIMINUEM AINDA MAIS.]

Talvez...
A voz,
o vulto,
o estranho,
sempre tenham sido eu.

Um alter-ego,
Um imitador parecido
Fantasiado com os deuses
Da maldita mitologia
Construída
também de sei lá quantas musas

Todas para diferentes coisas.
Musa para a música,
Para a arte,
Para...

[ZOOM LENTO PARA O ROSTO DA PERSONAGEM PRINCIPAL.]
[PLANO MÉDIO: A PERSONAGEM LEVANTA-SE E CAMINHA PELO
QUARTO, CADA VEZ MAIS RÁPIDO, ATÉ PARAR ABRUPTAMENTE
DIANTE DE UM ESPELHO RACHADO. OLHA FIXAMENTE.]
[SOM CRESCENTE DE BATIDAS DE CORAÇÃO.]

[PLANO DE DETALHE: MÃOS QUE TREMEM LIGEIRAMENTE AO TOCAR NA CORTINA.]

[PLANO INTERMEDIÁRIO: A PERSONAGEM ESTENDE AS MÃOS AO VAZIO.]

Pausa.

Fecho os olhos e suspiro.
Volto a abrir os olhos.

Veste-me.

Pausa.

Ouço.
Liberta-me!
Grita ele

E continua a empurrar-me
Corta-me os pulsos.
E carrega um sorriso malicioso

Olhar para o público.

Cega-me, a certo ponto
E brinca com o meu ser
Como se eu fosse uma peça de xadrez.

Perco-me
deixando esta figura me personalizar

Uma nova mentalidade.

Em que a loucura é contínua.

Prende a criança inocente...

Este alter-ego.

Entre Estações

Remi Gonçalves

Ouvem-se sons ambiente de estação de comboios.

11 e 40 e...

Vá lá...

Muda...

40 e... 3

Pelo menos, agora, o meu relógio bate certo com o da estação.

Supostamente, faltam exatamente 2 minutos para a chegada.

Dizem que nunca se atrasa.

Pessoas, motores e horários, todos em harmonia.

E eu só penso: como seria fácil atirar-me para a linha do comboio e interromper a dança perfeita.

Mas quem sou eu para quebrar o ritmo?

Os passageiros desta estação saberiam, mas não deixo de pensar nos seguintes, e nos seguintes. Mesmo que não saibam que me esperam.

Começariam a olhar para o relógio. Impacientes.

Um mero minuto e já começaria o incómodo.

Começariam suspiros, murmúrios, praguejamento ao maquinista e uma ou outra reclamação em voz alta.

Isto tudo, enquanto eu, ou melhor, o que restasse de mim estaria a ser varrido por uma vassoura ao encontro de uma pá.

Não um corpo, nem um homem sequer.

Apenas um obstáculo para o desenrolar das vidas rotineiras das pessoas.

Apareceria nas estações a breve frase: “Interrupção na linha por tempo indeterminado”?

Ou simplesmente: “Atrasado”?

Talvez a melhor: “Atrasado porque um varrido se mandou para a frente do comboio.”

Não.

As pessoas são demasiado politicamente corretas para escrever isso, mesmo que o pensassem.

E se alguém se apercebesse de antemão das minhas intenções e me puxasse para trás?

Isso seria mesmo vergonhoso.

Haverá algo pior do que ser um falhado que falha até na sua própria morte?

Se bem que não ia ser a senhora cheia de sacos de compras que me conseguiria impedir.

Muito menos aquele rapaz que está agarrado ao telemóvel desde que cheguei à estação que estou certo de que nem deu por mim.

E aquele velho observador ali?

Pelo sim, pelo não, vou manter distância dele.

*Ao fundo, ouve-se o som de um comboio a
aproximar-se lentamente da estação.*

É que há velhos que têm um aspeto frágil, mas que são rijos. Vai-se a ver e andaram na Marinha ou algo do género, e estão sempre atentos para fazer o seu último ato heroico.

Já ouço o comboio.

Ao longe... a aproximar-se.

É melhor preparar-me.

A vida tem sido um enorme falhanço, então farei da morte um enorme sucesso.

A minha única solução é terra fria.

Mas será que tenho o direito de estragar o dia a estas pessoas?

Serei uma mensagem no telefone do maquinista: “Querida, atropelei algo, não esperes por mim para jantar.”?

E quem é que será o coitado que me ia desincrustar da frente do comboio?

Eu bem sei o quão difícil é tirar as moscas e mosquitos do vidro do carro.

O comboio está a chegar.

Mas...

Mas...

Vem muito devagar.

Bolas.

Claro!

Então se vai parar nesta estação, é claro que vem devagar.

Que estúpido!

E agora?

Bem, agora devo entrar, certo?

Não vou ficar aqui especado.

Interior. Som de comboio em andamento.

Vou procurar um lugar à janela para me sentar enquanto penso no que fazer a seguir.

Pelo menos não estraguei o dia a ninguém. Segue tudo normalmente.

De certeza que haveria quem ficasse contente de não ir trabalhar hoje, mas penso que não compensaria pelos traumas que ia provocar.

As portas fazem cá uma chiadeira a fechar, não custava nada olear isto de vez em quando.

Será que existe essa profissão? Oleador de portas de comboio?

É que se existir estão a fazer um péssimo trabalho!

E este banco? É duro. Não tão duro como estes pensamentos que me continuam a invadir a cabeça, mas bastante duro.

Há mesmo quem consiga tirar sonecas nestes bancos? Bom, tenho de me habituar, na morada última, o banco não é propriamente confortável.

Foca-te.

Tenho de arranjar outro meio para... ah... deixar de fumar.

Toda a gente que morre deixa de fumar, por isso acho que vou adotar este lema.

O que é que os fumadores fazem quando querem deixar de fumar? Em vida, claro, porque quando morrem lá se vai o vício...

Mas é óbvio! Eu posso ir a uma farmácia e comprar comprimidos. Um pacote inteiro, ou talvez até dois, só para garantir que funciona.

Isto seria algo que permitiria desaparecer sem tanto barulho nem espalhafato. Uma forma mais discreta e que não atrapalha ninguém.

Mas, porra, eu tenho um problema com a medicação.

Engolir!

Por vezes tenho de partir o comprimido em três, às vezes em quatro! E mesmo assim parece que estou a engolir uma pedra.

Demoraria tempos infinitos a engolir duas caixas de comprimidos.

E daquela vez que fui ao dentista fazer uma limpeza?

“Uma simples limpeza e indolor” diziam eles.

Só com aquela sucção na boca sentia-me a sufocar e ainda me engasguei com um pedaço de tártaro de três milímetros. E depois aquele sabor metálico, que eu já nem sabia se era sangue ou outra coisa. Já para não falar da saliva que se parecia multiplicar.

Pensei mesmo que ia morrer, ou melhor, pensei que ia deixar de fumar, naquele cadeirão reclinável rodeado de instrumentos esterilizados. Se fosse hoje deixava-me ir para o Tártaro.

O verdadeiro Tártaro, não o que nos tiram com uma broca dos dentes.

Aquele dos mitos.

Um poço sem fundo, húmido e frio.

Até parece aconchegante neste momento.

O Tártaro não é o fim, é uma coisa sem fim.

O eterno recomeço.

Cais, sem jamais atingires o fundo.

Pensando bem, se calhar não é assim tão aconchegante estar a vida inteira num salto de para-quedas em que nunca o chegamos a abrir.

E o facto de ser húmido e frio também não é lá muito bom para constipações.

Eu sei que o meu objetivo é morrer ... deixar de fumar, mas fazê-lo doente ainda é pior.

Há pessoas que falecem de doença, mas falecer doente é diferente.

Por vezes tenho este pensamento: porque não existe um serviço ao cliente que quer desistir? Na Suíça existe, dão-te um copo com veneno, como se estivessem a servir um café. E fica resolvido. Deixas de fumar.

Mas não deixo de pensar... porque têm coragem de te dar o cigarro, mas não de o acender?

O comboio está a abrandar. A próxima estação deve estar próxima.

Para onde vai este comboio afinal?

Se bem que, no fundo, o comboio não escolhe o caminho, só segue impassível, amarrado e orientado a destinos pré-traçados.

Será que eu estava destinado a este momento desde sempre?

Será que o destino ditou, desde o meu nascimento, que estaria a ponderar abandonar a minha carreira de fumador num comboio sem destino?

E lá vai o comboio de novo. Afundei-me de tal modo em pensamentos que acabei por nem sair na estação.

Isto também é meio contraditório, esta sensação de estar em movimento e saber que de facto estamos a andar, mas estarmos parados dentro da carruagem.

A minha vida está assim, tudo o que me rodeia move-se e eu continuo parado, como uma carruagem esquecida numa linha suprimida.

Vou estar atento e sair na próxima. Pôr-me em movimento uma última vez.

Vou sair e pensar em como e quando darei o meu último passo... ou última passa.

Lá está o comboio a desacelerar de novo. Vou-me pôr já de pé e sair.

Raio do rangido das portas.

Bem, para onde agora?

Vou deixar que os meus pés decidam a direção e simplesmente caminhar.

“Deixar de fumar”.

Foi o nome que dei ao escape deste mundo.

No fundo, a vida também é uma espécie de vício que decidi deixar por exaustão.

Não é dor. É o vazio que consome.

Viver... para mim, é como fumar um cigarro sem nicotina.

O gesto permanece, mas o prazer já se foi.

Cansei-me de fingir que ainda disfruto.

Sabe-me mal viver, estou enjoado de viver. Eu não quero viver mais.

Mas como é que se deixa algo tão presente?

Eu acordo e durmo comigo. Almoço, janto e até faço necessidades comigo mesmo.

Um colega de casa e de vida que não suporto.

Divido cada momento do meu dia com este parasita que sou eu.

A vida cola-se e entranha-se em nós como o cheiro do tabaco nas roupas.

E eu, ando aqui com este cigarro existencial, apenas à procura de um cinzeiro onde possa apagá-lo.

Se adiar, daqui a uns tempos vou estar com mais rugas e menos coragem.

Mas também não o posso apagar de qualquer forma num cinzeiro qualquer.

Deixar de fumar devia ser como sair de um cinema a meio de um filme.

Ninguém te impede. Ninguém te julga.

Mas não.

Para desistir desta merda tenho de passar por um curso intensivo de métodos de suicídio.

A ideia do comboio correu pessimamente. A dos medicamentos também.

Talvez cortar os pulsos?

Não, nem pensar, já decidi que vou deixar de fumar de uma forma limpa e que no fim não deixe muitas cinzas para limpar.

Além de que, quando vejo sangue, desmaio.

Houve uma vez que me cortei a abrir uma lata de atum e acordei no chão com o dedo a sangrar. Acordei e desmaiei de novo. Nem sei ao certo quantas vezes isso aconteceu, mas quando finalmente consegui levantar já o sangue estava seco. Havia de ser bonito entrar num *loop* infinito de acordar e desmaiar dentro de uma banheira.

Não, obrigado.

Jejum? Deixar de comer até desaparecer.

Parece que já ouço a barriga a roncar.

Tentei fazer jejum intermitente e desisti passadas 3 horas.

Se vou morrer, não vai ser de estômago vazio.

Outra alternativa...

Talvez saltar de uma ponte.

É limpo.

É definitivo.

Com a sorte que tenho ainda me acontecia como aquele homem que saltou e sobreviveu.

Partiu imensos ossos e ficou meses a fio em recuperação no hospital.

E o pior de tudo é que o salto não o libertou, mas acorrentou-o a uma cadeira de rodas até ao final da sua vida.

Parece uma piada. A vida agarrou-o com força e disse-lhe: “vais ficar numa cadeira de rodas, com o mesmo fardo de antes, acrescido de uns milhares em dívidas hospitalares, e agora só partes quando eu quiser”.

A ironia da vida no seu auge.

Dizem que a morte leva os melhores, mas e que tal começar a levar primeiro quem quer mesmo ir?

Até parece que morrer é uma tarefa que exige o seu quê de sorte, e eu que sempre achei que fosse meramente uma questão de vontade. E está mais que visto que também é uma questão logística.

Nos filmes é tudo tão simples.

Um som de tiro. *PUM!*

Corta para os créditos finais.

Eu queria era saber onde é que ele foi arranjar a arma.

Tentei na *darkweb*, e acabei com o cartão clonado.

Como se a vida dissesse “Queres ir? Então vais ter de sujar as mãos”.

Não dá para querer morrer e simplesmente pedir aos pulmões que parem de respirar ou ao coração que simplesmente pare de bater?

Se eu fosse Deus, integrava na costela, quando a usou para nos criar, um botão de *On* e *Off* para quem quisesse abandonar esta vida cósmica e cómica.

Um gesto simples, limpo, definitivo.

Em vez disso, exige cordas, armas, comprimidos... Coragem...

Até uma torradeira tem mais dignidade.

Porque não posso ter um enfarte agora?

Se eu fizer muita força será que consigo rebentar uma veia da cabeça?

...

Nada.

Podia cair um meteoro ou um raio em cima de mim.

Assim não tinha de fazer nada. Era apenas o universo a fazer o seu trabalho.

Mas não.

A vida é uma enorme piada sem graça, que faz de mim
plateia, obrigando-me a rir.
Trabalhar, pagar contas, envelhecer, esperar.
Até quando? Até o coração parar por acidente?
Se é para ser, que seja pela minha mão.

Dou por mim de volta à estação e é como se nunca tivesse
de cá saído.
Vagueei sem destino pelas ruas para elas me trazerem
de novo aqui.

Atravesso a plataforma da estação, decidido, até ao quiosque.
Vou pedir um bilhete de volta e ...
Um isqueiro. Sim, um isqueiro.
Uma garrafa de água, um pacote de chiclets, um sudoku ...
Começa a fazer sentido.

Pago e carrego a pequena saca triunfante, como se fosse um
lembrete do meu livre-arbítrio.

Ouçõ a chiadeira característica das portas do comboio, e
surpreendo-me ao perceber que aquilo já não me incomoda.
Entro e sento-me no mesmo lugar à janela.
A minha mente divaga de novo.

Penso em todas as formas que já equacionei para
“deixar de fumar”.
E sobe-me um arrepio pela nuca de nojo quando penso em
enforcamento.

É um clássico... mas li em algum lado que os enforcados
muitas vezes morrem excitados.
Um reflexo do corpo, dizia o artigo, mas para mim é apenas
mais uma piada do universo.
Imagino-me pendurado na trave de uma das balizas do
campo de futebol da equipa local. Rígido, em todos os
sentidos. E isso enoja-me.

Como se já não fosse suficiente humilhante a ereção, o corpo
por vezes vai mais além e larga urina e fezes.

Seria um espetáculo para o qual o preço do bilhete seria demasiado caro, pago com a minha própria vida.

O coração podia parar, mas a vergonha seria eterna.
A morte deveria ser uma coisa digna.

Não.

O enforcamento, tal como as outras formas, não é para mim.

Finalmente estou em casa.

Parece tudo calmo, quieto e vazio demais.

Penso no isqueiro.

Na chama.

Tiro-o da saca e acendo-o.

A chama enfeitiça-me e chama-me.

Penso em incendiar tudo.

Cortinas. Livros. Móveis. O sudoku.

Podia deixar-me ficar e ser consumido juntamente com o apartamento pelas chamas.

Deixá-las fazer o que eu não tenho coragem.

Sento-me no sofá.

Abro a saca do quiosque e lá dentro o maço de tabaco reluz sob a fraca luz da sala.

Eu não fumava.

Aliás, eu queria “deixar de fumar”.

Mas agora faz sentido.

Se eu não consigo morrer de uma vez, talvez possa morrer aos poucos.

Um fim lento e controlado.

Acendo o meu primeiro cigarro.

Inspiro fundo e sinto ardor nos pulmões.

Expiro, o fumo sobe e desenha fantasmas no ar.

O fumo enche o ar da sala como se formasse um véu entre mim e o mundo.

Se fechar os olhos, posso imaginar que já cá não estou.
E se continuar assim, a fingir que não estou... talvez um dia
não tenha de fingir.

Música entra. Ouvem-se os primeiros 24 segundos de “United In Grief”, de Kendrick Lamar.

Se estás a atravessar um momento difícil ou a sentir-te
sobrecarregado por pensamentos como os que este texto
explora, não estás sozinho. Falar com alguém pode fazer
a diferença. Procura apoio junto de amigos, familiares ou
profissionais de saúde mental.

Em Portugal, podes contactar de forma gratuita e anónima
as seguintes linhas de apoio:

- SOS Voz Amiga – 213 544 545
- Linha de Apoio do SNS24 – 808 24 24 24
- INEM – Emergência Psicológica – 112

A tua dor merece ser ouvida e respeitada — há ajuda,
e há esperança.

Emergência sanitária

Renato F.

Bom dia!

Tudo bem? Tudo lé-gál?

Bem-vindos ao monólogo. Aposto que vão gostar. Se não gostarem, é porque estão errados.

Hoje trago algo especial: um tema universal, antigo, ancestral, algo que já no a.C. alguém tinha opinião.

Mas para isso preciso de colaboração!

Já sei o que estão a pensar, e não: não vou pedir nada de especial: nada de números de cartões de crédito, nem uma dádiva de sangue, muito menos que apadrinhem uma girafa na reserva natural de Freixo de Espada à Cinta.

O meu pedido consiste em três regras:

1. Por favor, guardem os telemóveis. Sou suuuuper alérgica. Há uns anos sentei-me em cima de um e fiquei internada durante 6 dias e 6 noites. Deitada. De barriga para baixo.

Não foi bom.

E nunca mais consegui andar de bicicleta.

2. Eu. Não. Tolero. Atrasos. Você aí, que entrou agora! Que horas são no seu relógio? Oh pá, agarrem-me que eu mato o gajo...
3. Sempre que disser a palavra “ornitorrinco” têm de bater duas palmas e fazer o pino. Uma coisa dinâmica para animar a malta. Aprendi isto nas aulas de marketing digital para patos!

Estamos preparados? Vamos!

A humanidade, ao longo de milhares de anos, tem se vindo a debruçar sobre uma questão essencial ao ser humano, alvo de intenso debate, e que não é, até à data, consensual. Alvo de inúmeras publicações sobre o assunto, deixando a comunidade científica em alvoroço, e clivando um fosso entre os defensores de cada uma das correntes teóricas. Não.

Não estou a falar do que acontece depois da morte. Muito menos o significado da vida...

Gostaria de falar sobre:

★ ★ ★ *papel higiénico* ★ ★ ★

Não acham cómico? O Comic... Sans.

Onde é que eu ia? Ah! Sim, ele, o mítico.

Calma! Sem atropelamentos, podem baixar os braços. O debate público é póstumo.

A pergunta, o dilema, a dúvida existencial, a questão que tira sono à humanidade há milhares de anos, e que trago hoje ao plenário é:

Como colocar o rolo de papel higiénico no varão:
virado para a frente ou para trás?

Sei que vamos discordar, sei que possivelmente no final desta sessão vamos ter sofrido ameaças de morte, e eventualmente vamos para casa coxos e com um olho negro, mas eu não fujo da polémica (três batidas rápidas no peito).

E para adensar mais a trama: quantos quadradinhos?

Três para o homem médio? Quatro, para quem aprecia a segurança de uma mão limpa? Duas, para poupadinhos? Ou uma, para quem gosta de viver no fio da navalha?

E o papel?

Folha quádrupla fofinha, e “sinta-se nas nuvens”? Folha única áspera, para quem gosta de uma boa exfoliação?

E a cor?

Branco, como a neve? Preto, como a noite? Ou castanho, para quem que não gosta de enfrentar a realidade?

Por fim... a questão que já separou inúmeras famílias, e levou à extinção de comunidades: quantos de nós já sofreram a consequência de alguém que terminou o rolo... e não colocou um novo?

Sim, isso mesmo. O momento em que vamos ao WC, procedemos em conformidade... estendemos a mão... e nada. Vazio. O pânico instalado.

Um cilindro de papelão pendurado. Que olha. **E sabe!!!** Sabe que alguém esteve ali, sentado, antes de nós. E esse alguém decidiu, em plena consciência aliás, gastar o rolo e não o substituir. Sabendo perfeitamente o que isso significava. A desgraça de algum transeunte.

Bastava ter avisado a pessoa que trabalha ali. Um aviso. Uma mensagem de texto se essa pessoa tivesse ido acompanhada. Algo, um papel discreto, e fora do meio, até podia ser um post-it, com um: **ATENÇÃO!** O papel acabou!!!

Todos sabem que há uma regra de etiqueta: acabas o rolo, metes um novo com a mensagem: Para aqueles que vêm depois.

Calma, respira.

Durante uns segundos interiorizamos o sucedido, e começamos a pensar em soluções. E percebemos: estamos perdidos!!!

O frio na espinha. A gota de suor em câmara lenta.
O olhar desesperado à procura de um rolo ou até de umas
folhas de papel de toalha de mãos que estejam próximas o
suficiente. Não chego lá, levantar-me?

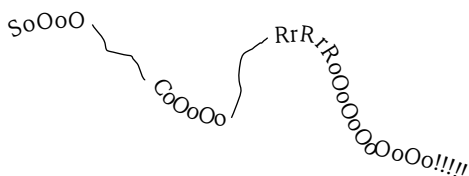
E água da sanita? Muito suja! Algum papel caído no chão
que se aproveite?

Será que consigo chegar com o rabo ao lavatório?

E não deixo de pensar: será que já alguém fez no urinol?

Como é que limpou depois?

Bom, não tenho escolha: adeus meias da Primark, o vosso
sacrifício não será em vão.



Desculpem... gatilhei. O trauma é real. Quem sabe, sabe.

Não há nada que assuste mais do que o varão onde o papel
higiénico dança, perde o seu tom branco e nos mostra, aos
poucos, o cinza interior. E aquele cinza é o sinal que a morte
da nossa dignidade é iminente. Enquanto desenrolamos,
naquele gesto frenético, há um som, antes do papel acabar,
na verdade, aquela repuxada, aquela repuxada da cola final,
em que na verdade, é plástica. Porque sabemos que aquela
tensão é o fim. O fim do rolo. E eu... não me quero dar a esse
papel. Daí a urgência deste plenário.

Bem... Por hoje chega, não consigo mais. Desculpem. Depois
podem-me mandar as vossas dúvidas por e-mail, e eu
respondo, quando tiver um tempinho, sim?

E sabem porque não tenho tempo? Exatamente. Porque o sítio aqui é novo, e não sei como são as regras de etiqueta. Mais! Como pessoa interessada pela saúde pública, bem sei que o papel higiénico só é lembrado em calamidades extremas, no resto do ano... Oh vai Maria vai! Nem com 50% de desconto em cartão continente se dá vazão a tanto stock. Fica ali, triste, sozinho. Há lá coisa mais triste do que um pacote de papel higiénico com um labrador bebé a olhar para nós, triste, com um pelo macio... e fica ali. Até que a COVID o convoque. Ou um apagão! Realmente... vê-se logo que nunca tentaram limpar o cu às escuras.

Bom, para terminar, deixo aqui uma breve reflexão, queridos das vossas mães: Antes de irem ao WC, vocês comeram. E sabem o que eram nessa altura? Sim, isso mesmo, aspiradores com mamilos. Somos todos aspiradores com mamilos, tu és um aspirador com mamilo, tu também, e bom... por agora é tudo.

Quando sair de cena vai cair um rolo de papel da teia do teatro.

Um momento bonito. Comovente, diria. Ilustrativo, dirão uns. Surrealista, dirão outros. Porém, na verdade, na verdade verdadinha... se olharem bem, é apenas um rolo de papel higiénico.

Agora, se me dão licença, vou discutir com a direção de cena, porque não chegamos a acordo se ele cai por cima, ou por baixo, e tendo em conta a merda que disse aqui, até devíamos deixar cair dois rolos.

Vesúvio

Vivien Merciel Suarez

Segui para o destino ao encontro do compromisso, sem o peso do contrato.

Pela primeira vez na vida, seguia caminho rumo ao Vale do Douro.

Levantei-me cedo e decidi tomar aquele comboio para o Pinhão em minha própria companhia.

Não ia só. O desejo me levava.
Ao Alto Douro.

Queria aquele tempo só para mim.
Pelas próprias pernas e às próprias custas.

Tomaria o comboio na estação de Campanhã e iniciei uma conversa fortuita com um dos guardas da estação... tão gentil.

Ele tinha um riso frouxo e pés titubeantes que não paravam quietos. Ficava andando de um lado para o outro enquanto sorria simpático, com as bochechas redondas e muito coradas de tanto levar sol na cara na plataforma da estação.

Receava perder o comboio, já que estava em atraso, mas o guarda acalmou-me.

Numa breve conversa, ele segredou-me sobre o melhor lado para tomar o comboio, o que daria a vista mais bonita ao lado do Rio Douro durante a viagem.

Guardei esse conselho como quem guarda um cartão de visitas no bolso da camisa: não desprezei e nem o acatei por completo como uma verdade absoluta, mas guardei-o cuidadosamente.

Entrei no comboio, já quase completo e com poucos assentos disponíveis do lado sugerido.

Percebi que o comboio partiu da estação de São Bento.

Lamentei-me porque, justo naquela manhã, tomei o pequeno-almoço ao lado da estação, comprei o bilhete ainda no pequeno-almoço e, com São Bento sob o próprio nariz e o desejo engavetado de tomar um comboio pela primeira vez daquela estação, ainda assim, comprei o bilhete para a norma que criei para mim mesma de sempre tomar os comboios da estação de Campanhã.

Revisitei um flash do momento da manhã, da breve falta de atenção que agora tirava-me a melhor vista para uma viagem inteira à janela rumo ao Vale do Douro: paguei o pequeno-almoço, olhei para a estação de São Bento e, ainda assim, entrei no metro e desci em Campanhã.

Lamentei-me por nunca ter rompido com a rotina e a tradição de tomar comboios SEMPRE na estação de Campanhã.

Levantei a cabeça e dei-me conta de que não queria desperdiçar a minha manhã de ida ao Alto Douro a lamentar-me.

Da próxima... faria diferente.

Avistei um lugar junto à janela, no lado do comboio que o guarda segredara, porém no sentido oposto ao fluxo do percurso: veria a paisagem sempre a ficar para trás e nunca a chegar.

Tomei-o para mim rapidamente e dei-me conta de que estava diante de duas amigas que viajam juntas.

Ao escolher a janela, senti-me um pouco a mais na viagem dos outros.

As duas mulheres sabiam perfeitamente o que estavam a fazer: tomaram o comboio na estação de São Bento, sentaram-se do lado correto do comboio, trouxeram equipamentos fotográficos específicos, calçavam sapatilhas confortáveis e vestiam roupas bem alinhadas. Na certa, já haviam pesquisado todo o trajeto previamente.

Tomei um tempo para observá-las e dei-me conta de que as vistas da minha viagem seriam elas duas. Estavam vestidas em tecidos com texturas semelhantes, bem como na mesma paleta de cores. Fiquei na dúvida se aquilo era parte da relação ou se já era um artifício planeado para as fotos.

Dei-me conta de que usavam a mesma maquilhagem, e que levavam as mesmas cores para cada um dos componentes: a sombra acobreada nas pálpebras, o rímel preto nas pestanas, o lápis castanho nas sobrancelhas grossas, o batom cor-de-rosa-chá nos lábios finos, o rouge na altura das maçãs do rosto, muito magras numa delas, e mais vistosas na outra.

Uma delas trazia a maquilhagem muito carregada, em excesso. Já a outra usava exatamente a mesma maquilhagem numa quantidade mais sutil. Não fosse pelo gritante acobreado das sombras, trazia um rosto quase natural. A mulher com menos maquilhagem era também a guardiã da câmara fotográfica profissional.

Percebi que as texturas dos tecidos das roupas da mulher com menos maquilhagem eram de tramas mais sutis. Chamavam menos a atenção para si e pareciam ser mais agradáveis ao toque. Já a mulher com maquilhagem mais carregada trazia alguns detalhes um pouco mais ríspidos nas suas vestes e nos seus traços do rosto. Apesar disso, eram sem dúvida tal e qual um par de jarros, e a harmonia na relação das duas era notável.

Devido à chuva em contraste com a temperatura do comboio, a janela encheu-se de vapor e já não se viam mais as belas

vistas do Douro. Limpei o vapor do vidro com a mão e, na tentativa de interagir com as duas mulheres, sugeri que fizessem o mesmo para que voltassem a ter a bela vista disponível para elas. Agradeceram-me cordialmente com um sorriso complacente, mas logo fizeram-se mais uma vez distantes.

A mulher com menos maquilhagem levantou-se e tirou um lenço de papel da mala. Um para si e outro para a mulher com mais maquilhagem. Usaram o lenço para limpar a janela. Após fazê-lo, a mulher com menos maquilhagem levantou-se novamente e pegou um higienizador de mãos na bolsa para finalizar aquele ato.

Vestes alinhadas, maquilhagem impecável, gestos organizados.
Essa mulher entendia bem de normas e de controle.

Voltou a sentar-se e tomou a mão da mulher com mais maquilhagem com avidez, como se fosse o último pedaço de uma sobremesa. Além de impecável, talvez também fosse um pouco possessiva: não podia abrir mão do controle.

Eram duas mulheres de trinta e poucos anos, e começaram a falar sobre aquela viagem, que planearam nos mínimos detalhes. Cortejavam-se mutuamente, embora a dianteira sempre fosse da mulher com menos maquilhagem. Faziam poses claramente ensaiadas. Até isso pesquisaram com antecedência na internet: quais as melhores poses para fazer em fotos no comboio do Porto para o Pinhão.

Uma única viagem de comboio até o Pinhão descortinava toda a vida que tinham pela frente: falavam sobre o casamento que teriam num ano, sobre a casa que comprariam em dois anos, sobre os filhos que talvez tivessem em três anos. Todos os planos e, acima de tudo, as condições materiais e emocionais para torná-los realidade. Não eram sonhos intangíveis. Eram planos factíveis.

Apercebo-me de que tenho tempo para ter tempo de refletir sobre mim. Tal como naquela janela, vejo a paisagem a ir, e não a chegar.

Há três anos tomei férias no final do verão a pensar que, após ter ido a um festival de cinema pela empresa em que trabalhava, minha carreira finalmente decolaria.

Passei as férias de verão na expectativa de encontrar um homem em Paris, a pensar que ele é o grande amor. Da vida. Um dia antes de encontrá-lo, apaixono-me por um catalão. Em Ibiza.

Cancelam meu voo para Paris. Passo o dia em Ibiza a acolher uma amiga nômade digital que está em crise após perder todos os seus pertences em um extravio de bagagens. De vida.

Penso no catalão, que me escreve finalmente nas últimas horas. Em Ibiza. Embarco para Paris e passo duas semanas com o homem que pensava ser o grande amor. Da vida.

Nas mesmas férias, uma outra amiga descobre que entrou em metástase de câncer, e meu tio morre de metástase de câncer no Brasil, antes mesmo que eu volte de viagem.

Regresso após um mau pressentimento de que seria demitida e, ao mesmo tempo, apaixonada de um jeito como nunca estive. Na vida.

Pelo catalão.

Descubro que, de facto, estava em uma lista de demissão. Não sou demitida. O catalão passa uma semana comigo em meu país. Meu gato morre. Sou demitida meses depois em um layoff. Compró uma passagem para Madrid para encontrar com a minha amiga em metástase e com o catalão e... ele se apaixona por outra pessoa.

Viajo no verão, na altura do São João. Dessa vez, demitida, sem perspectiva de carreira, apenas com o dinheiro que recebi na demissão.

Não encontro com o catalão na Espanha. O homem de Paris já namora com outra pessoa. Moro por um mês em Ibiza, para estar perto da amiga espanhola que está com metástase. Pulamos juntas as fogueiras de São João. Em Ibiza.

Depois de tudo, não quero regressar ao meu país e, em agosto, decido voltar para a universidade. Sou aprovada. No Porto.

Chego em setembro a Portugal e fico nove meses sem poder sair de terras lusas. Começam as aulas. Saio do país de forma clandestina para passar o Natal com minha amiga que está na Espanha, em metástase. Corro o risco de ser deportada. Estou no inverno de Madrid, ao lado da minha amiga, quando ela recebe por telefone a notícia de que entrou oficialmente em cuidados paliativos. Regresso ao Norte de Portugal em janeiro diante de uma tristeza e um frio que são cortantes.

Sonho com o catalão.
Escrevo para ele.

Ele me responde evasivo, não me dá detalhes. Uma semana depois, o catalão casa-se com a namorada, por quem se apaixonou quando fui demitida.

Pouco depois, nasce o filho dos dois.
Percebo pelas datas que casaram-se grávidos.

Passo o aniversário em Paris com a amiga nômade digital e que finalmente calhou de aportar por lá. É primavera em Paris. Minha amiga com metástase é internada na Espanha. Tomo um café com o homem de Paris, que já mora com a namorada que conheceu depois de mim. Após falarmos sobre o passado, digo a ele que não mais voltaríamos a ser um casal. Encerro qualquer fresta que tenha ficado aberta entre as portas dos nossos caminhos. De casal.

Regresso à Portugal. A mãe da minha amiga avisa-me pelo telemóvel que ela não resistiu à metástase. Conto nos dedos e me dou conta: 4 meses. Se passaram apenas 4 meses entre a entrada em cuidados paliativos e o falecimento. Nem deu tempo de chegar o verão. Nem deu tempo de pularmos mais

fogueiras de São João em Ibiza. De luto, sou acolhida por um amigo americano que está na Catalunha. Ele me acolhe por dias em Barcelona. Volto a Portugal. Opaca. Concluo as aulas na universidade. Um ano depois, o ex de Paris casa-se com a namorada com quem vivia junto, agora grávida. Mais uma gravidez que desemboca em casamento. A amiga de Paris agora aportou em Barcelona e faz aniversário no final de semana que vem. Irei visitá-la no sábado.

Não voltei ao meu país de origem até agora. Não voltei a ter uma carreira até agora. Não voltei a me apaixonar até agora. Nunca saberei se o catalão faria diferente se não fosse pai. Nunca saberei se a minha amiga ainda estaria viva se tivesse feito a quimioterapia. Só sei que o homem de Paris, agora casado, não era mesmo o grande amor. Da vida.

Volto ao momento presente e me reconecto com as duas mulheres, bem ali à minha frente.

A conversa delas no comboio marcava posicionamento e poder: o posicionamento de escolherem casar-se uma com a outra, de tecerem juntas aquela vida a dois, tão bem planeada e articulada, e o poder social e econômico necessários para fazer todo aquele plano vir a ser uma realidade. Todo o poder que eu não tive sobre a minha própria vida ao longo dos três últimos anos. Havia ali muito amor e muita certeza, ao contrário da minha dúvida e da minha errância. Um comprometimento mútuo duma solidez que parecia incorruptível. Impecáveis.

Estar diante das duas mulheres na viagem de comboio era um privilégio. A vista mais bonita do comboio do Porto ao Pinhão era a paisagem afetiva que se desenrolava à minha frente. Davam-se as mãos, acariciavam o rosto uma da outra e davam-se sorrisos doces com cumplicidade. Respiro fundo. Sinto que a leveza que não tive está a ser ofertada à minha frente. Em certa altura da viagem, trocaram de lugar para que a mulher com menos maquilhagem também acompanhasse a vista junto à janela.

Dava gosto vê-las, e aquela felicidade era tão genuína que nem podia ser invejável. Percebi que não estava a mais na viagem dos outros: percebi que estava de torcida, na plateia.

O comboio chegou ao Pinhão. Despedi-me com o olhar da paisagem afetiva que me fora ofertada pelas duas, que já seguiam agora para outros planos: a mulher com menos maquilhagem fizera uma reserva surpresa para ambas almoçarem na Quinta da Gricha, e alugou um carro para levar a sua amada ao destino surpresa. Despedi-me daquele presente-experiência segredado no comboio pela manhã, como se a vida dos outros fosse um pouco minha também.

Como era confortável contemplar a felicidade dos outros como quem contempla as paisagens do Vale do Douro pela janela.

Voltei ao meu caminho na solitude escolhida.

Tentei ir à igreja do Pinhão para pedir a bênção para o meu dia. As portas estavam fechadas. Seguiria o dia por minha própria conta e risco. Se Deus quisesse.

Contemplei o Rio Douro e, enquanto aguardava o horário da minha visita numa quinta, cruzei as águas do Douro num barco Rabelo. Contemplava as paisagens como contemplara as duas mulheres pela manhã.

Segui para a quinta e percebi-me a única pessoa a sós na visita. Percebi também que apenas a guia falava a minha língua mãe. No mais, eram todos estrangeiros. Não me senti deslocada. Senti-me plena em minha inteireza.

Um pouco depois de iniciada a visita, chegou um casal com leves ares de constrangimento devido ao atraso. Por alguma razão que não soube dizer, percebi no casal um par de conterrâneos. Iniciei um breve diálogo na felicidade do encontro, porém novamente no temor de estar a mais na viagem dos outros. O casal foi cordial e, na prova de vinhos, sentaram-se junto a mim e conversaram em nossa língua com gosto.

Encerrada a visita, dei-me conta de que, coincidentemente, o casal seguiria para outra visita na mesma quinta para a qual eu me dirigia. Segui com eles de boleia. Sem conhecê-los previamente, dei-me conta de que os nossos caminhos já estavam cruzados: os três reservamos as mesmas atividades para o mesmo dia. A companhia do casal tornou a visita mais agradável. Eles, que estavam no final dos seus trinta e tantos anos, completavam juntos 12 primaveras.

Conheceram-se no trabalho e saíram às escondidas por 6 meses até assumirem publicamente o namoro. Não eram casados e nem intencionavam casar. Não tinham filhos e tampouco os queriam. O homem reconhecia o quanto a experiência do parto seria penosa para a mulher naquela altura da vida: para o seu corpo, para a sua carreira e para as rotinas de ambos. Ao invés de se dedicarem aos filhos, preferiam viajar. E assim o faziam com frequência.

Contemplar o Vale do Douro foi um exercício de também contemplar a felicidade alheia sem remorsos, mais uma vez, como uma paisagem.

Segui para o meu destino ao encontro de um homem, que jamais seria um marido.

Ele, com as mãos grossas e a pele fina, segurou-me as mãos em forma de concha com delicadeza, como se fôssemos rezar um acto de contrição, e olhou-me por um longo tempo com seus olhos escuros, em silêncio. Nos beijamos. Fizera a barba. Ainda tinha na pele o cheiro do creme de barbear. Olhei para baixo e vi seus pés, pequenos. Para mim, eram graciosos, mas jamais compartilhei essa informação com ele.

Fomos jantar numa quinta. O risoto estava *al dente*, como gostávamos, e o vinho era o mesmo que eu provara na quinta pela manhã. Concentrado e opulento, mas sem excessos, como o homem diante de mim.

Quinta do Vesúvio, tinha sabor de poder e de elegância.

Conversamos por horas, por pura provocação e deleite.
Pela tara sonora de escutarmos as vozes um do outro.
Eu desafiava-o com perguntas.
Ele respondia-me com tiradas espirituosas.
A voz dele chegava-me aos ouvidos como se antes
lambessem-me as orelhas.

Eu adorava aquele homem, mas jamais gostaria de vir a ser
a engrenagem que faria a vida dele funcionar: jamais arcaria
com o compromisso que envolvia entrelaçar a minha vida
com a dele, não por desgosto, mas pela certeza de que aquele
laço envolvia responsabilidades que eu não queria assumir.
Preferia repousar em liberdade de tempo e de escolhas,
bem longe dos afazeres domésticos e de todo o trabalho
reprodutivo que seriam absorvidos ao escolher permanecer
ao lado dele.

Um vestido de casamento pode conter a liberdade de uma
mulher de muitas maneiras. Já no vestido, o desconforto e o
recado estão dados: às vezes a noiva mal anda, a noiva respira
com dificuldade, a noiva leva a gola alta até a altura do
pescoço. O vestido a silencia. Leva todo o corpo disciplinado,
da mesma forma como esperam que ela se comporte depois
de casada. Ela está lá só para performar feminilidade. Do altar
para o lar. Bem longe do espaço público. Uma boneca para
servir ao desejo, manter a casa funcional e servir de dama
de companhia.

Eu até queria casar-me, mas não sob aquele regime, não
naqueles termos. Se o casamento não for uma experiência
libertadora, para a mulher, é só triste.

Mais à noite, regressamos do jantar, fizemos amor como se os
nossos corpos se despedissem um do outro, e adormecemos
lado a lado, com os corpos ainda quentes.
Plenos de vitalidade.
A pulsar vida.

Tive um pesadelo.
Acordei com insônia.
Gélida.

Ele dormia profundamente, enquanto eu me sentia desconfortável com a sensação de solidão ao lado daquele homem, que apenas podia ofertar-me o amor comido pelas beiradas. Tornar-me “sua”, nos termos dele, me sufocaria. Ele dormia com os braços fechados como uma rocha onde não existia um espaço onde eu pudesse existir com conforto. Seria um sinal?

Senti-me a mais ao lado dele. Apenas conseguia concentrar-me no barulho do ar condicionado sobre as nossas cabeças.

Quem instala um ar condicionado *split* em cima da altura da cabeça?

Ele virava de um lado para o outro na cama, inquieto. Via o corpo dele ali ao lado, mas sentia-me só, na cama e na casa. Dele. Levantei-me, fui até o banheiro da suíte. Dele.

Olhei-me no espelho. Dele. Vi-me pálida.

Vomitei.

Acalmei-me e voltei para a cama. Dele. Enfim, consegui dormir.

De manhã, fingi costume, fingi que nada daquele mal-estar me acontecera na noite anterior.

Fui embora da casa. Dele.

Escolhi o posicionamento e o poder de ir embora dali sem olhar para trás.

Para nós.

Não queria fingir.

Duas semanas depois, tive um aborto espontâneo. Me dei conta de que, durante todo aquele tempo, levava mesmo comigo alguma coisa a mais. Dele. Eu não estava a mais na vida dos outros. O que eu levava a mais era o que não podia existir.

Aquelas nossas vidas não eram mesmo para seguirem juntas. E com toda esta bagagem, com todo este luto, cheguei à conclusão de que a viagem de comboio era demasiado curta

para a quantidade de objetos emocionais. Preciso de outras malas, outras viagens, outros transportes. E sempre com uma certeza: nunca será sobre o lugar, sobre as regras ou as normas. Será sobre mim e sobre o que quero. Afinal... esta viagem ajudou-me, principalmente, a perceber o que não quero.

Biografias

Ana Pimenta

Nasceu a 4 de novembro de 1986, em Marco de Canaveses, cidade onde trabalha e vive.

O gosto pela palavra, pelo teatro e pela escrita para teatro empurrou-a para a oficina “Derivas”, antevendo a possibilidade de enriquecer o seu trabalho. Licenciada em Psicologia da Educação e do Desenvolvimento pela Universidade de Coimbra, dirige, desde 2015, a empresa Preceptor, um centro de estudos com uma forte preocupação cultural e humanística. Aí, entre as funções de diretora técnico-pedagógica, professora e psicóloga, tem escrito textos para infância de cariz pedagógico que deram origem a peças de teatro representadas pelos seus alunos, como “Abril na história do meu país” (2017), “A Terra” (2018), “A raposa e a lua” (2022) e pequenos livros, como “Uma ovelha diferente das outras” (2021) ou “Uma história de unicórnios” (2025).

Além dos textos para a infância, escreve com regularidade no blog da sua autoria “O si sobre o azul”, onde partilha estados emocionais e a sua visão do mundo em textos que assumem a forma de pseudo-poemas, escritos, muitas vezes, ao som de melodias também aí partilhadas. Pontualmente, escreve artigos de opinião para o jornal regional “A Verdade” sobre temas relacionados com educação e política.

Anabela Rodrigues

Nasceu a 17 de fevereiro de 1976, na freguesia de Valpedre, uma bonita aldeia do concelho de Penafiel. Casada e mãe de três filhos, concilia a vida familiar com o trabalho de secretária numa pequena empresa do ramo informático.

Gosta de passear e de cozinhar para a família e para os amigos. Descobrir novos lugares é uma das formas nas quais se inspira para expressar a sua criatividade na escrita. Encontra nesses momentos simples a inspiração e o equilíbrio que enriquecem o seu dia a dia.

Adora conversar e conviver com família, vizinhos e amigos. Está sempre disponível para ajudar o próximo. A sua vida é marcada pelo seu envolvimento cívico e comunitário, integrando ativamente o grupo de teatro de Valpedre, o CDA Valpedre. Na paróquia desempenha funções de catequista, contribuindo para a formação espiritual e humana dos mais jovens.

Gosta de ajudar e, por essa razão, participa ativamente em diversas associações e coletividades da freguesia, contribuindo para o bem-estar da comunidade local.

Carla Oliveira

Nasci a 7 de novembro de 1979 e tenho procurado equilibrar duas grandes paixões na minha vida: a gestão financeira e o teatro.

Sou diretora financeira na Churchill's, onde aplico o rigor e a estratégia que a minha formação em Gestão Financeira me ensinou. Mas é no palco, na escrita e na encenação que dou vida à minha dimensão mais criativa.

No TeatroSvicente, onde sou presidente, encenadora e guionista, encontrei uma forma de unir pessoas, contar histórias e dar voz a temas que me tocam. Ao longo dos anos, tive o privilégio de encenar várias peças e dinamizar projetos culturais que me enchem de orgulho.

Acredito no poder transformador da arte, na importância de fazer bem feito — com alma e com detalhe — e na força que nasce quando se junta sensibilidade com estrutura.

David Almeida

Nasceu em Viseu em 1997. Artista multidisciplinar licenciado em Teatro pela Universidade do Minho (2021) e mestre em Artes Plásticas, ramo Intermédia pela FBAUP (2024).

Participou na escola de verão “UNFINISHED II – A Academia Enquanto Performance” (2019), onde coapresentou com Diogo Sottomayor a performance *uma misteriosa coisa disse Vera Mantero*, no Armazém 22, V. N. Gaia. Participou no “Recurso 2021”, onde coapresentou a performance 23:30,

no CAMPUS Paulo Cunha e Silva, Porto. É cofundador do coletivo informal “Jângal”, tendo nesse contexto participado nas edições de 2020 e 2022 do Festival Política em Braga, com os projetos *Eu levo na tôte, e você?* e *100-Certezas*, respetivamente.

Desenvolve um trabalho regular em torno da(s) permeabilidade(s) e influência(s) entre conceitos como arquivo, documentação, memória, identidade e ficção. Sem procurar estabelecer uma hierarquização entre diferentes *media*, os seus processos criativos recorrem, sobretudo, ao uso da escrita, fotografia, performance, vídeo e design editorial como ferramentas metodológicas.

Diogo Sottomayor

Nasceu no Porto em 1989 e é artista, performer e investigador.

O seu trabalho integra uma componente de investigação e processos de documentação traduzidos em obras cujas referências do mundo da pop, literatura ou ciência são utilizadas com a mesma relevância. Os seus focos são as questões de género, a saúde mental e a intimidade na performance.

Licenciado em Criminologia (FDUP), Teatro (UMinho), mestre em Comunicação Clínica (FMUP) e em Artes Plásticas, ramo Intermédia (FBAUP). Frequentou duas formações fundamentais: “Unfinished II” e “Recurso 2021”.

Estreou em 2017 no “Dias da Dança” o projeto *Ema*, onde problematiza a discrepância do tratamento de pessoas lidas socialmente como mulheres em decisões proferidas pelos tribunais portugueses no domínio dos crimes sexuais.

Participou no “Isto não é uma crítica”, do Rivoli, em 2017 e 2018 onde escreveu sobre espetáculos a partir de uma perspetiva menos crítica sobre os mesmos.

É cofundador do coletivo informal “Jângal”, cujo primeiro trabalho foi apresentado em outubro de 2020, no “Festival Política”, em Braga, e no qual se discutiu noções de panóptico.

Em 2021 apresentou o projeto 23:30, onde cinema e performance são cruzados para discutir as noções de intimidade, fruto da sua formação no “Recurso 2021”.

Em 2024 participou como dramaturgo no *DIV3R: uma possível partitura para não esquecer de pensar*, um projeto com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian.

Emanuel Rocha

Nasceu a 5 de maio de 1995, na freguesia de Valpedre, concelho de Penafiel. Desde cedo demonstrou um profundo interesse pela literatura, sendo um leitor ávido e participando em inúmeros concursos de escrita.

Apesar da afinidade com a literatura, acabou por seguir um percurso diferente, formando-se em Engenharia Informática no Instituto Superior de Engenharia do Porto, onde concluiu o mestrado. Exerce atualmente a sua atividade profissional nessa área.

Em 2021, foi um dos membros que refundou o Grupo de Teatro de Valpedre, onde, além de representar, também colabora ativamente na revisão e adaptação dos textos apresentados em palco. Em 2025, escreveu a peça original “Crónicas da Vida de um Tolo”, levada a cena pelo grupo.

Jonas Rocha

Nasci em Paredes em 2000. Iniciei o meu percurso nas artes durante o ensino secundário. Deste então tenho aprofundado a minha formação académica passando pelo audiovisual, teatro e artes plásticas, áreas nas quais tenho desenvolvido a minha experiência profissional.

Atualmente continuo a explorar estas linguagens, procurando sempre experimentar novas formas de criar.

Miguel Valido

Nasceu em 1991. Frequentou os cursos básico e complementar de Música na Academia de Música de Vilar do Paraíso e formou-se em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, exercendo a profissão de arquiteto desde 2016, com especial foco na modelação 3D.

Manteve, no entanto, uma sensibilidade às artes performativas que tem vindo a explorar e aprofundar

a partir de 2020, quando começou a trabalhar como cenógrafo no coletivo informal de teatro “Jângal”, aplicando a sua especialização na conceção de espaços cénicos e materialização de adereços articulando arquitetura, design e performance.

Pedro Rocha

Natural de Penafiel, tem 19 anos e é apaixonado pelo cinema e pela literatura. Realizou em 2024 a curta-metragem “Valentina” e participou na curta-metragem “fika” nesse mesmo ano.

Publicou em 2023 “Poemas de um sonhar acordado”, livro de poesia de sua autoria. É atualmente estudante da Licenciatura em Cinema na Universidade Católica Portuguesa.

Remi Gonçalves

Nasceu em 1995, em Penafiel. 41.19682374371018, – 8.30977178430423, não fosse ele profissional da área de Ciências Geográficas e especialista em Sistemas de Informação Geográfica.

Leitor aficionado que bebe das fontes de Stephen King e de Raphael Montes – influências que moldam a sua escrita espalhada e visual.

Renato F.

Médico de profissão e filósofo de casa de banho nas horas vagas. Riu-se tanto na faculdade que lhe disseram: “Os palhaços vão ao circo!”.

Obcecado com os detalhes do dia a dia, é capaz de perder, tranquilamente, uma tarde a pensar no lado certo do desenrolar do papel higiénico. E não havendo uma regra, o que será de nós? Uma mentira perfumada de lavanda? Acredita que o riso é o melhor remédio, embora ainda não exista código de prescrição para tal.

Vivien Merciel Suarez

Natural do Rio de Janeiro, Brasil, estudou no Porto e vive em Lisboa, Portugal.

No Brasil, trabalhou na Casa do Saber Rio O Globo, na consultoria Parangolé do Saber e na TV Globo. Foi nômade digital. É formada em Ciências Sociais, com ênfase em Antropologia, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e tem especialização em Gestão de Pessoas pelo Ibmecc.

Em Portugal, colabora com o jornal *Público Brasil*, integra a equipa da Casa da Música e conclui o mestrado em Comunicação e Gestão de Indústrias Criativas pela Universidade do Porto. No Porto, foi co-curadora da exposição “O Mural do Rialto de Abel Salazar: um património com futuro?”, na Casa-Museu Abel Salazar.

Esta publicação resulta do trabalho desenvolvido pelos participantes da primeira oficina continuada organizada pelo Ponto C – Cultura e Criatividade entre outubro de 2024 e julho de 2025.

sentir  penafiel